



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

Introdução

Ao longo da História, civilizações se destruíram, inundaram-se cidades e campos, em verdadeiros rios de sangue e lágrimas, em nome de instituições religiosas que se antagonizaram Sob bandeiras das mais diversas cores e emblemas, que traduziam significados diversos, mas na realidade expressavam, acima de tudo, posições de egoísmo e orgulho, exércitos se trucidaram mutuamente arrastando consigo legiões de civis que, incautos, foram envolvidos ou inocentemente manipulados em seus sentimentos e emoções religiosas.

O homem tem procurado perceber sempre as diferenças entre povos e religiões, observando apenas as diversidades e pouco aprendendo sobre o seu semelhante, supervalorizando suas diferenças até o ponto da incompatibilização total com as demais filosofias religiosas O desejo de poder, aliado ao temor da perda de ‘ tem criado, ao longo da história das civilizações, os mais absurdos conflitos entre povos irmãos.

Estudando, rapidamente, os chamados livros sagrados, desde o alcorão com suas interessantes Suras, até a Bíblia, passando por diversas obras do ocidente e oriente, surpreendemo-nos com a semelhança de determinados conceitos expressos em toda a literatura pesquisada. Conceitos esses que a ciência moderna, através da física quântica, os faz renascer com novo enfoque, mas mesma essência.

Procurando estabelecer um estudo comparativo sobre a concepção da Reencarnação, chegamos a conclusão de que se não tivessem os homens, no decorrer dos séculos, criado a “torre de Babel” dos interesses pessoais, parece mesmo que a linguagem seria única...

Sumário

Introdução

1. Bramanismo e Reencarnação
2. Jainismo
3. Siquismo
4. Budismo
5. A Religião dos Egípcios Primitivos
6. Zoroastrismo
7. Maniqueísmo
8. Judaísmo
9. Islamismo
10. Sufismo
11. O Espiritismo
12. A Ordem Rosa-Cruz
13. Teosofia
14. Projeciologia
15. Seicho-No-Iê
16. Psicanálise
17. Parapsicologia
18. Antroposofia
19. Logosofia
20. Cristianismo
21. Física Quântica
22. Física Quântica e Reencarnação
23. Conclusão
24. Posfácio por Francisco Fialho
25. Referências Bibliográficas

1. Bramanismo e Reencarnação

Considera-se o Bramanismo, ou como preferem alguns autores, Hinduísmo, a religião mais antiga do planeta Terra. Citemos de forma condensada os aspectos básicos desta religião. Brama é a causa, o ser, a essência do Universo e, segundo o Bramanismo, não é possível conceituá-lo nem explicá-lo, apenas senti-lo. Os primeiros livros sagrados da religião brâmane são os Vedas os quais são completados em seguida pelos Upanichades. O Bramanismo foi a primeira religião a conceber a idéia da evolução da mônada ou princípio espiritual incrustado em todas as criaturas, no ser humano, já se refere ao Ego. Na visão brâmane, fala-se em três aspectos do componente espiritual. São eles: “Sat”, “Ananda” e “Chit”. No reino mineral é que surge “Sat”, ou seja, a manifestação de Brama significando apenas existência. “Ananda” e “Chit” só existem em estado latente. No reino vegetal “Ananda”, que é a manifestação de Brama na fase da sensibilidade, principia o seu despertar e posteriormente, no transcorrer da evolução, originará uma forma superior de manifestação nos animais. No mundo animal há o início de “Chit” que é a manifestação de Brama na fase do conhecimento. No reino humano, segundo as raças e os indivíduos, “Sat”, “Ananda” e “Chit” se evidenciam com maior ou menor expressão. A finalidade da evolução desses três aspectos é a identificação do homem com Brama ou a plenitude da sabedoria.

O ciclo das Reencarnações é que torna viável a pretendida identificação com Brama. O Bramanismo se refere ao lento e incessante girar da roda dos nascimentos e mortes, com a passagem pelos três mundos: o físico, o astral e o mental, até que chegue a libertação. O objetivo de todas as escolas do Bramanismo é essa libertação da roda dos nascimentos e mortes, a qual denomina SANSARA, o que corresponde as Re encarnações sucessivas.

Uma palavra sânscrita, “Carma que significa ação, é uma lei eterna e imutável, e determina o ciclo das existências. É a lei de efeito, demérito, de semeadura e colheita, no sentido de que a colheita depende obrigatoriamente da semeadura.

A responsabilidade por suas atitudes cabe sempre ao homem, segundo a lei do carma. Os atos praticados são, efetivamente, a causa, produzindo efeito idêntico. Essa lei explica o destino do homem como trama por ele próprio urdida, não fala propriamente em castigo ou recompensa, apenas relata a justa e inexorável conseqüência de atos bons ou maus por ele praticados. É a lei atuando dentro do mais rígido espírito de justiça.

O carma não prevê o envio do indivíduo faltoso às penas eternas (como o inferno por ex.), mas, através do ciclo das existências, oportuniza-lhe a possibilidade de anular ou atenuar pela ação construtiva, o mau carma que criou para si próprio. Frente às adversidades da vida e das injustiças aprende o homem a ser generoso e justo. Vida após vida, o trabalho regenerador, o burilamento, por assim dizer, do espírito, vai-se efetuando paulatinamente e na dependência única e exclusiva do esforço da própria pessoa. Segundo o bramanismo cabe ao homem encurtar ou prolongar seu período de evolução.

Na concepção brâmane, não há fatalismo no carma, porque ao homem é conferido o livre arbítrio que lhe propicia tomar decisões que permitam seja o carma reduzido e até esgotado precocemente. A Reencarnação é, portanto, a oportunidade renovada de dirigir o ser humano para os elevados fins de sua criação, ou seja, a identificação com o Criador.

As escrituras sagradas dos hindus, os Vedas, remontam a datas muito recuadas. O mais antigo, e o mais importante deles, o Rigveda, deve ter sido escrito 10.000 anos a.C.

Os Upanishades, palavra sânscrita que significa “sentar-se ao lado”, são considerados como conclusão dos Vedas. Existe na literatura sagrada do Bramanismo referência clara e minuciosa sobre as vidas sucessivas e progressivas. As escrituras hindus não fazem qualquer menção a regressão ou involução, ficando esta crença para a mente crédula e supersticiosa do povo menos esclarecido que interpretou certas alegorias, como a possibilidade de homens reencarnar em animais. Referências mal intencionadas também podem ser encontradas em literaturas que procuram denegrir a imagem do Hinduísmo, correlacionando esta religião com as absurdas reencarnações em espécies animais, de espíritos humanos.

2. Jainismo

Logo após o Bramanismo é necessário que se comente o Jainismo, por ter o mesmo surgido como um ramo derivado de uma diversificação dos brâmanes. Embora não tão antigos quanto os hinduístas, os jainas, que é o nome atribuído aos partidários do jainismo, começaram o seu movimento religioso aproximadamente 600 anos a.C. Caracterizam-se por ser uma rica e influente derivação do hinduísmo (= bramanismo), com o qual se identificam na aceitação da eternidade da matéria e do espírito. Denominam de Draya a matéria e Jiva ao espírito. Ambos possuíam a característica da eternidade, no sentido da inexistência de princípio e fim para os mesmos.

O fundador deste movimento religioso passou a história como mestre Mahavira, e viveu a mesma época de Buda. Mahavira se tornou vencedor sobre as misérias da vida, assumindo assim a denominação Jina. Desta denominação proveio a palavra Jaina, que representa o partidário do Jainismo.

No que se refere ao nosso estudo comparativo sobre as concepções da Reencarnação, conforme os jainas, Jiva (o espírito) tem sua evolução através dos nascimentos sucessivos e igualmente pela lei do Carma. Talvez pela contemporaneidade com Buda, há muitos aspectos semelhantes entre a filosofia de vida dos jainas e budistas. Hoje os jainas contam a milhões de adeptos, localizados principalmente na Índia.

Um dos aspectos notórios na filosofia jaina é a questão da não violência. Os ascetas jainas tem por norma respeitar a todo ser vivente, o que inclui até os insetos que não eliminam.

Os templos jainas são famosos pela beleza arquitetônica, sendo o do monte Abu, riquíssimo e considerado como uma das maravilhas da Índia.

Transcrevemos um trecho do livro “Filosofia Jainista”, do autor Dr. Mohan Lai Mehta:

“Nossa vida presente nada mais é do que um elo da grande cadeia do circuito transmigratório. A doutrina do carma perde a significação se estiver ausente uma doutrina de transmigração amplamente desenvolvida. A alma, que passa através de vários estágios de nascimento e morte, não deve ser tida como uma coleção de hábitos e atitudes. Ela existe sob a forma de entidade independente, à qual todos esses hábitos e atitudes pertencem. É entidade espiritual e imaterial, mostrando-se permanente e eterna em meio a todas as modificações”.

3. Siquismo

O Siquismo é considerado como uma das sete grandes religiões do planeta em termos de número de adeptos, sendo muito mais recente que o Bramanismo e o Jainismo, pois contradição ter sido o Siquismo fundado por Nanak, nascido em 1469 e falecido 72 anos mais tarde.

Nanak, desde a infância, apresentava-se como uma criatura voltada à meditação e à filosofia. Possuía dons de captar telepaticamente os pensamentos dos presentes, tendo dado inúmeras e espontâneas comprovações no decorrer de sua vida.

A comunidade dos siquis, palavra que significa discípulo, desenvolveu-se inicialmente ao norte da Índia, na região do Punjab. Sua cidade santa é denominada Amritsar, onde o quinto sucessor de Nanak levantou um templo de ouro para o centro das reuniões. Os religiosos siquis tiveram, no sexto sucessor de Nanak, um líder que se notabilizou pela luta contra as castas na Índia. As castas indianas correspondiam a camadas sociais hereditárias, cujos membros compunham uma mesma raça, etnia, profissão ou religião, e se casavam entre si, exclusivamente.

A Intenção de Nanak era reunir, em uma só religião, os brâmanes e muçulmanos, aceitando dos primeiros, a doutrina da Reencarnação e dos segundos, a missão de Maomé.

Apesar dos esforços, ocorreram inúmeras guerras e rixas com os muçulmanos na Índia, não acontecendo a união pretendida. Hoje são diversos milhões de seguidores, em sua maioria radicados no território indiano.

O código de moral dos siquis é elevado, tornando seus adeptos compassivos, tolerantes e benevolentes. No que concerne ao nosso estudo comparativo, também admitem a Reencarnação e o Carma, além da identidade do espírito humano com Deus. Para os seguidores do Siquismo, o ciclo das existências se realiza pela própria identificação do espírito com o meio ambiente, o que determina, após a morte, um novo renascimento. Quando o ser humano estiver vivendo na Terra voltado para a “beatitude da eternidade celestial”, ficará livre do “samsara” ou roda das encarnações.

4. Budismo

O Budismo teve seu berço na Índia, propagando-se celeremente pela China, Tibete, Ceilão, Birmânia e Japão, chegando a atingir 33% da população mundial. Com relação a figura de seu fundador, Gautama, o Buda, e sobre o budismo, há muitas informações contraditórias e, sobretudo, tendenciosas que parecem visar denegrir sua imagem. Uma destas versões atribui a morte de Buda a uma indigestão por carne de porco, quando Buda era vegetariano e abstinência.

Sidharta Gautama nasceu no século VI a.C., filho de um rei que governava o reino Kapilavasta, nos Himalaias; foi, desde cedo, instruído por um sábio chamado Vivamitra.

Gautama demonstrou sempre um elevado potencial intuitivo e precocemente, apesar do austero controle do seu pai, procurou se informar sobre as reais condições de vida além dos muros palacianos. Decidiu descobrir a causa da dor e da morte e partindo destas idéias iniciais meditou profundamente. Foi quando recebeu a iluminação e passou a ser Buda, palavra que significa “iluminado” ou sábio.

O Budismo não distingue castas, cinco são os seus mandamentos:

Não matar;

Não roubar;

Não mentir;

Não faltar a castidade;

Não embriagar-se.

Conforme a concepção budista, o ciclo das existências é que deve levar ao “Nirvana”, que não é, de forma alguma, conforme muitos acreditam, “a extinção de tudo”, embora a palavra nirvame que significa extinguir-se seja a raiz da qual derivou Nirvana. Nirvana ex prime “identificação” porque mostra claramente a identificação do espírito humano com Deus, o que requer a extinção da personalidade.

São pensamentos budistas:

“Quando o espírito humano se identifica com Deus, deixa de ser espírito individual, conserva a indestrutível consciência de si mesmo em unidade com todos os seres, no Deus Ab soluto, isto é, o Nirvana”.

Tal identificação, segundo o budismo, é alcançada à libertação do ciclo de existências, da série lenta e sucessiva de reencarnações.

Disse Buda: “Considera-se um brâmane, um homem que tem conhecimento da morte e dos renascimentos de todos os seres, o que conhece suas vidas pregressas, o céu e o inferno, aquele que chegou ao fim da corrente dos nascimentos, e é dono da sabedoria, tendo realizado tudo quanto deve ser realizado”

Após muitos anos de isolamento e profunda meditação, as conclusões de Buda são resumidas em quatro verdades nobres e oito trilhas.

As quatro verdades nobres são:

- 1- Todo Viver é Dor
- 2- O Sofrimento vem da cobiça e do desejo.
- 3- A Libertação do sofrimento vem da cessação do desejo
- 4- O Caminho para a supressão do desejo é a Senda das oito trilhas..

As Oito Trilhas são:

- 1 - A Crença Reta.
- 2 - A Resolução Reta.
- 3 -O Falar Reto.
- 4 -A Conduta Reta.
- 5 -A Ocupação Reta.
- 6 -O Esforço Reto.
- 7 - A Contemplação Reta.
- 8 - A Concentração Reta.

As Escritas Sagradas do Budismo são denominadas de Tripitaka, o que significa Três Cestos. Abordam elas as normas reservadas aos monges budistas, os sermões atribuídos a Buda, as diversas passagens da biografia de Buda, e os provérbios e máximas que edificam os valores éticos do homem. Os menciona dos livros apresentam partes escritas em prosa e outras em verso, constituindo o mais volumoso acervo de escrituras religiosas que se tem notícia no mundo.

O Budismo, em função de sua Antigüidade e expansão, sofreu algumas ramificações, sendo a dicotomização nas escolas de Hinayana e Mahayana a principal delas. O conceito da pluralidade das existências, ou seja, da Reencarnação, apesar das ramificações existentes, permaneceu aceito por todos os budistas.

5 A Religião dos Egípcios primitivos

Conforme nos informam os estudiosos das religiões, não é possível se designar uma religião egípcia, mas um panteão de deuses maiores ou menores aos quais eram dedicados cultos específicos em diversas regiões do Egito. A crença nos renascimentos era comum nessa civilização e, além da Reencarnação, alguns grupos, ou mesmo a nível popular, acreditavam na Metempsicose que, conforme sabemos corresponderia a noção invertida da Reencarnação, sem seu aspecto eminentemente evolutivo. Segundo a Metempsicose seria possível renascer em animais um espírito já evoluído a condição humana. Um retrocesso, portanto. Os Egípcios consideravam que o homem, além do corpo físico, tem um corpo espiritual que chamavam de “Ka”, e uma essência espiritual ou espírito. Os sacerdotes ou iniciados tinham a noção de que a salvação não estava no culto exterior, mas no próprio interior do homem, e diziam: “O coração de um homem é o seu próprio Deus”.

Na história do Egito se destaca a figura de Hermes Trimegisto que certos autores chamam de filósofo egípcio. O termo Trimegisto significa três vezes grande, pela sua erudição nos diversos ramos da cultura humana. Seus aforismos, máximas ou sentenças de interpretação difícil, sempre com sentido esotérico, originaram a designação “hermético”. Chama-se, ainda hoje, de hermético a tudo que dificilmente é interpretado ou de difícil abertura. Ciências Herméticas equivalem a ciências ocultas ou fechadas a um grupo.

O Livro dos Mortos tem sido atribuído a Hermes Trimegisto. Ele descreve a viagem da alma após a morte, através de localizações que são chamadas de Amenti.

Consideram-no autor de inúmeros tratados religiosos, dos quais existem “Fragmentos”, divulgados pelos gregos e romanos, com prováveis alterações. Nos “Fragmentos Herméticos” há referências, não muito claras, à Reencarnação entre as quais citaremos a conversa do Deus Horus com sua mãe Isis. Neste diálogo, a deusa diz a Horus para se livrar da impressão de que as almas se dispersam no espírito universal e infinito, sem manter sua identidade e sem VOLTAR PARA SUA MORADA ANTERIOR.

6. Zoroastrismo

Os antigos persas tiveram em Zaratustra ou Zoroastro, o iniciador desta religião, que é conhecida como Zoroastrismo, ou ainda, como Mazdeísmo, Magismo, ou Parsiísmo.

O nome Zaratustra significa estrela dourada, ou esplendor do sol. É importante salientar que os parsis ou zoroastrianos não eram “adoradores do fogo”, como foi divulgado pelos seus adversários, mas faziam do fogo o símbolo do Espírito Imortal e Puro. Seus templos não têm imagens, exceto o fogo para o culto simbólico. Possuem um “deus menor” chamado Mitra que protege os homens, o qual em torno de 226 a.C., chegou a ser o “deus principal”, gerando o mitraísmo.

A mais antiga coleção de livros sagrados da Pérsia se chama Zend-Avesta, cujo termo significa comentário da revelação. Segundo uma lenda sagrada, os anjos levaram Zoroastro a Ahura-Mazda, que quer dizer, Senhor, grande sábio, e este revelaram-lhe as leis. Os chamados “sacerdotes do Avesta” constituíam uma casta hereditária. A função sacerdotal já era determinada ao nascimento.

A lei religiosa controlava rigidamente os lucros advindos do culto. A luta da força do bem contra a força do mal sempre foi um conceito fundamental para os adeptos do Zoroastrismo. O bem era representado por Ahura-Mazda, como Ormuz, uma entidade de aspecto luminoso, distribuidor da “luz que ilumina”, do “fogo que aquece”, e da “água que alivia a sede e fecunda os campos” gerando alimento para os seres humanos. Ormuz é servido pelos gênios do ar, do fogo, da água, do sol, da lua, e das estrelas. O oponente de Ormuz é simbolizado por Ahrimán, o Senhor dos gênios malignos ou espíritos que destroem. Há, na concepção do Mazdeísmo, uma constante e perpétua batalha entre Ahrimán e Ormuz, juntamente com seus auxiliares.

No que se refere ao nosso estudo comparativo acerca da idéia das vidas sucessivas, consideramos que a Reencarnação não é parte integrante do credo Zoroastriano ou do Mitraísmo; no entanto, os modernos parsis, de uma forma pessoal, costumam fazer referências às vidas anteriores.

7 Maniqueísmo

Crê-se ter sido originado na Babilônia através do seu fundador Mani ou Maniqueu. Para os maniqueístas, tal qual aos cristãos, era ensinado que todos os homens, seja de qual fosse a raça ou condição, seria dada a salvação. Religião de caráter universalista, portanto. Mani desejou rever alguns conceitos ou leis do Zoroastrismo. Sua a levou ao rei da Pérsia, Sapor I, no ano 242 d.C., a repeli-lo. Em função desta dificuldade, passou Maniqueu a fazer viagens de pregação. Ao retornar à Pérsia, tendo insistido em suas idéias, foi perseguido e crucificado pelo clero aos 60 anos de idade.

A concepção da bipolarização, “o bem” e o “o mal” constitui a tônica do maniqueísmo. O homem tem uma alma luminosa e um corpo escuro e, no fogo, a chama e fumaça simbolizam o dualismo eterno. Não há imagens nem sacrifícios. As preces podem ser dirigidas ao Sol ou a Lua como manifestações da Luz Universal. Os maniqueus admiravam as parábolas de Jesus e eram pessoas pacíficas e tolerantes, o que não impediu que fossem muito perseguidos pelas outras religiões. Santo Agostinho manifestou muito interesse no estudo do maniqueísmo.

No que se refere a expansão desta religião, houve uma expressiva disseminação pelo Turquestão, Índia e China. No ocidente, em 290 d. C o imperador Deocleciano proibiu suas manifestações.

Na região sul da França originou-se do maniqueísmo uma poderosa seita, a dos cátaros ou albingenses, palavra que significa “puros”. A partir dessa região, disseminaram-se por diversos países europeus. Os albingenses existiram do século X até o século XIV, quando foram barbaramente destruídos pela Inquisição Cristã.

Para os albingenses, o mundo era uma espécie de local de purificação, ou pena, onde os seres humanos deveriam retornar várias vezes, renascendo a fim de obter a completa reconciliação com o Senhor dos mundos, haja vista que, acreditavam na Salvação final de toda a humanidade, através das múltiplas oportunidades concedidas pela Reencarnação.

8 Judaísmo

Sabemos que o Velho Testamento é de grande importância para os judeus. Em que pese esta importância, este livro poderia ser também considerado uma crônica da existência histórica do povo hebreu. Como todas as escrituras ditas sagradas, o Velho Testamento tem um sentido esotérico, que está na Cabala, palavra que significa “receber”.

A origem da Cabala não está muito bem esclarecida. Certos europeus argumentam que as verdades cabalísticas foram ditadas diretamente por Deus aos Mestres da Grande Loja Branca. Essa Grande Loja Branca seria uma fraternidade de homens que estaria espiritualmente muito mais elevada que o comum da humanidade. Residem, os membros desta fraternidade-. , em vários planos, inclusive na Terra. Os mestres da Grande Loja Branca teriam a tarefa de difundir, tanto quanto possível, os sentimentos de compaixão e a sabedoria a toda a humanidade.

Alguns autores consideram que a Cabala está recompilada e publicada pelo rabino Moisés de Leon, em 1280, no Zohar, cujo texto original é atribuído a Simeão Ben Jochai.

Do Zohar, podemos citar o seguinte trecho:

“As almas devem reentrar na substância absoluta da qual emergiram. Para chegar a essa finalidade, entretanto, devem desenvolver todas as perfeições, cujo germe foi plantado nelas. Se não cumprirem essa condição durante uma vida, devem começar outra, e uma terceira, e as sim por diante, até que adquiram a condição que as torne preparadas para sua reunião com Deus”.

O Talmude é outro livro, código civil e religioso dos judeus, que serve de texto nas sinagogas para ensinar a lei de Moisés, segundo a tradição oral.

Da Miscelânea Talmúdica, do autor Hershon, são as citações seguintes:

“A maioria das almas estando, presente mente, em estado de transmigração, Deus dá a um homem aquilo que ele mereceu numa vida passada em outro corpo... Aquele que deixa de observar qualquer dos 613 preceitos que lhe são possíveis observar, está fadado a sofrer transmigração (uma vez ou mais de uma vez), até que realmente tenha observado tudo quanto deixou de observar num estágio anterior de ser” (Kitzur Sh’lu).

Do filósofo judeu Philo, cognominado “primeiro teólogo”, e estimado o maior da Escola de Alexandria de filósofos, citamos:

“O espaço está repleto de almas. As que mais próximo se encontram da Terra descem para se ligar a corpos mortais e retornam em outros corpos, desejando viver neles”.

O Rabino Manasses Ben Israel, nascido em Portugal e fundador da moderna comunidade judaica da Inglaterra, foi quem conseguiu em 1650 a revogação do édito de Eduardo 1, o qual proibia a permanência dos judeus na Inglaterra. Diz Manasses Ben Israel em um de seus livros:

“A crença ou doutrina da Reencarnação, da transmigração das almas, é firme e infalível dogma aceito por toda a assembléia da nossa igreja, unanimemente, de forma que nada exista que ouse negar isso. Na verdade, há um grande número de sábios, em Israel, que adere a essa doutrina, fazendo dela um dogma, um ponto fundamental de nossa religião. Estamos por tanto, no dever estrito de obedecer e aceitar esse dogma com aclamação, pois a verdade dele foi demonstrada, incontestavelmente, pelo Zohar e por todos os cabalistas”.

Se nos detivéssemos em uma pesquisa mais alongada, poderíamos obter maior número de referências alusivas a pluralidade das existências, ou seja, da doutrina da Reencarnação, no Judaísmo. São inumes os historiadores e filósofos judeus que tecem considerações ou se manifestam claramente favoráveis a idéia das vidas sucessivas. Não deixamos de citar, de forma destacada, o didático trabalho de Nair Lacerda em sua obra *A Reencarnação através dos Séculos*. A autora mostra inúmeros depoimentos, tanto na primeira quanto na segunda parte da obra citada.

Para os estudiosos do judaísmo, portanto, a Re encarnação pode ser perfeitamente aceita com base nas mais diversas fontes da tradição judaica.

9 Islamismo

O Islamismo, também denominado maometismo em função do seu fundador o profeta Maomé, é uma das religiões mais importantes do planeta no que concerne ao número de adeptos. Maomé nasceu em Meca, na Arábia Central, pertencia à tribo dos Caraichitas, guardadores do monólito sagrado, a Caaba. Conta-se que Maomé era acometido de transes místicos freqüentes, convencendo-se que falava com o anjo Gabriel, o qual tê-lo-ia indicado como apóstolo do Senhor.

“Alá é o único Deus, e Maomé é o seu Profeta”, repetem os maometanos. Os ensinamentos de Maomé estão no livro sagrado, chamado Corão ou Alcorão. O Corão contém 114 Suras ou capítulos, subdivididos em versículos. Apesar das guerras entre cristãos e maometanos existe no Corão a Sura número 5, a qual fala sobre Jesus como um dos profetas de Alá.

Um famoso escritor, W. Y. Evans-Wentz, disse:

“Durante as Idades Negras da Europa, quando os mouros da Espanha, quase que sozinhos no mundo continental, mantiveram acesa a tocha do saber, a doutrina do renascimento estava sendo ensinada pelos grandes filósofos sarracenos Al Ghazalí e Al Batagni, nas Escolas de Bagdá, no Oriente e em Córdoba, na Espanha, no Ocidente” Acrescenta ainda: “Na Europa, os discípulos desses grandes mestres foram Paracelso e Giordano Bruno”

Assim como nos livros sagrados de outras regiões, o Corão também faz referências a Reencarnação. Vejamos como no trecho seguinte percebe-se a idéia do renascimento:

“E estáveis monos, e Ele vos trouxe de volta à vida. E Ele fará com que morrais, e vos trará de volta à vida, e ao fim vos reunirá Nele próprio”. (SURA 2:28)

Também muito sugestivo é o trecho: “E Ele mandou as chuvas lá de cima em quantidade apropriada, e traz de volta a vida para a terra morta, tal como tu serás renascido”. (SURA 25: 5-10-6)

10. Sufismo

O Sufismo é a religião que corresponde ao aspecto esotérico do islamismo. Os conceitos de Reencarnação e Evolução estão muito bem esclarecidos pensadores sufistas. Kharishnar se refere a esta religião da seguinte maneira:

“A doutrina sufista ensina q cede de Deus, que nada há fora de universo é o espelho em que Deus se reflete, que Deus é a beleza absoluta, da qual as coisas terrenas são raios, que há um só amor de Deus, e que os demais amores unicamente como partes deste único só Deus é o verdadeiro Ser, e que constitui o Não-Ser, que a natureza essencialmente divina do homem pode elevar-se, por iluminação, do não-ser ao ser, e regressa ao ponto de partida”. É, de certa maneira, o mesmo conceito exarado pelo apóstolo Paulo: “Em Deus vivemos, nos movemos e somos”

No livro persa, Mathnawi, autor Jalalu'l Din Rumi (1207-1273), encontramos a conceituação da evolução da mônada espiritual, ou princípio espiritual, até sua integração a Deus:

“Morri mineral e converti-me em planta.

Morri planta e nasci animal.

Morri animal e me converti em homem.

*Por que, pois, hei de temer a alguém?
Acaso poderei ser menos ao morrer?
Na próxima vez morrerei como homem
para que me possam nascer asas de anjo,
mas também da condição de anjo me elevarei,
por que, como ensina o Corão,
tudo perecerá, menos a face do Senhor.
Outra vez, tomarei o vôo por cima dos anjos
e me converterei no que a imaginação não pode
conceber.
Na verdade, voltaremos a Ele”*

Muitos poetas persas que no Ocidente foram considerados notáveis escreveram, sob formas líricas ou alegóricas, os ensinamentos sutis. O mais conhecido deles talvez tenha sido Ornar Khayyam que, além de poeta foi filósofo, astrônomo e matemático.

11. O Espiritismo

O Espiritismo não se considera uma religião organizada dentro de uma estrutura clerical. Neste senti é profundamente distinto das religiões tradicionais possuem sacerdotes ou pessoas investidas de autoridade especial. Não possui templos suntuosos. Não adota cerimônias de qualquer espécie, tais como batismo, crisma, “casamentos”, etc.

Ao contrário da Umbanda, não tem rituais, velas e vestes especiais. Não utiliza qualquer forma de simbologia. Não adota ornamentação para cultos, nem gestos de reverência, nem sinais cabalísticos, nem benzimentos, nem talismãs, nem defumadores ou cânticos cerimoniais (ladainhas, danças ritualísticas). Também não adota bebidas ou oferendas de qualquer espécie.

O culto espírita é feito no próprio coração. É o culto do sentimento puro, do amor ao semelhante e do trabalho constante em favor do próximo. A Doutrina Espírita concebe que somente a prática das boas ações e do pensamento equilibrado nos liga a Deus.

Deus é a essência transcendente que permeia todo o universo. É a lei maior, a qual estão subordinadas as leis menores da natureza.

A Doutrina Espírita foi revelada pelos espíritos superiores, através de médiuns, e organizada (codificada) por um educador francês, conhecido por Allan Kardec, em 1857. Surgiu, pois, na França, há mais de um século. Não deve ser confundida com seitas, religiões ou até ritos afro-brasileiros, que são mais antigos e de origens completamente distintas.

O Espiritismo não é apenas uma religião, mas uma doutrina com aspecto científico e filosófico e de consequências religiosas ou ético-morais.

O Espiritismo, como ciência, estuda e pesquisa, à luz da razão e dentro de critérios científicos, os fenômenos mediúnicos, isto é, fenômenos provocados pelos espíritos e que são considerados fatos naturais. O Espiritismo não aceita o sobrenatural. Todos os fenômenos, até mesmo os mais estranhos, têm uma explicação científica. O Espiritismo não acredita em milagres. Os fatos existem e são explicáveis pelo conhecimento das leis naturais do mundo físico e do mundo extrafísico ou espiritual.

O Espiritismo, como filosofia, procura, a partir dos fenômenos mediúnicos, dar uma interpretação da vida, respondendo questões, como “de onde viemos”, “quem somos” e “para onde vamos”. Os grandes porquês ou questões fundamentais da vida são objeto de estudo da Doutrina Espírita. Toda doutrina que fornece uma interpretação da vida, uma concepção própria do mundo, é considerada uma filosofia.

O Espiritismo, como religião, propõe a transformação moral do homem, retomando os ensinamentos de Jesus Cristo para que sejam aplicados na vida prática de cada pessoa. Procura reviver o cristianismo, na mais pura e verdadeira expressão de amor e caridade.

O Espiritismo, para os espíritas, é o consolador prometido por Jesus. Todo espírita é cristão, portanto.

No Evangelho de João, capítulo XIV, versículos 15 17 e 26, lemos:

“Se vós me amais, guardai meus mandamentos; e eu pedirei ao meu Pai, e ele vos enviará um outro consolador, a fim de que permaneça eternamente convosco. O Espírito da Verdade que o mundo não pode receber, por que não O vê e não O conhece. Mas, quanto a vós, O conhecereis, porque permanecerá convosco e estará em vós. Mas, o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará, em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo aquilo que eu vos tenha dito”. (Jesus)

A plêiade de espíritos que se comunicou, via médiuns, à época de Kardec, identificou-se como “(Consolador Prometido”, não em termos de sua individualidade, mas no sentido do conteúdo transmitido passou a constituir-se a base inicial da Doutrina Espírita, formou-se assim o alicerce sobre o qual se edificou todo o monumento de centenas de obras que trazem informações científicas, filosóficas e religiosas que com põem esta Doutrina.

Apesar de muitas religiões fazerem referência aos anjos que se comunicam, fazem-se aparecer, orientam e protegem as criaturas, somente o espiritismo dedica um intenso intercâmbio cultural com os espíritos. Os espíritos nada mais são que seres humanos desencarnados. Eles são de todos os níveis culturais, intelectuais ou morais. Agrupam-se por afinidade gostos e sentimentos, nos planos espirituais. Como o pensamento e o sentimento são energias que se propagam, possuem uma frequência vibratória que determina a sintonia com outras energias do mesmo nível, assim se constituem as comunidades espirituais. Da mesma forma, como a telepatia é o intercâmbio entre energias mentais, a mediunidade é a propriedade que permite a captação destas energias de outra dimensão, através de diferentes técnicas. Assim, por exemplo: psicofonia é a mediunidade de fala; psicografia, a mediunidade de escrita; xenoglossia, a mediunidade onde a comunicação se faz em língua estrangeira, etc. Há uma enorme classificação de tipos de mediunidade e mais de 600 livros que abordam o assunto, com todos os detalhes técnicos, práticos, etc. Um dos exemplos clássicos de médium espírita é o caso de Francisco Cândido Xavier que, sem instrução superior, psicografou mais de 300 livros, sendo alguns de alta complexidade ou profundidade, no terreno da ciência espírita.

A Doutrina Espírita alerta as pessoas muito crédulas contra as mistificações e contra médiuns, não espíritas, que comercializam a mediunidade ou mesmo iludem o público com falsas informações. É importante se considerar que, para o espiritismo, o fato de uma pessoa ser médium e intercambiar com os espíritos não significa que seja espírita, o que requer uma postura ética específica.

O fenômeno da mediunidade viceja em todas as religiões, embora a interpretação ou mesmo a aceitação do fenômeno seja diferente. A Doutrina Espírita promove e estimula a formação de estudo e educação da mediunidade, formando médiuns aptos à execução de suas tarefas.

O Espiritismo considera que a fé sem raciocínio crença cega, credence ou superstição. “Fé Inabalável é aquela que pode encarar a razão, face à face, em todas as épocas da humanidade”. (Allan Kardec)

A concepção de Reencarnação ensinada pela espírita concebe os seguintes aspectos:

Os espíritos são criados simples e ignorantes, e próprio destino conforme seu livre arbítrio.

Passando pelos diversos reinos da natureza vai experienciando até atingir a fase humana quando o princípio realmente se torna um espírito propriamente dito, isto é, dotado de livre arbítrio, ou seja, da capacidade de optar pelas diversas trilhas que, mais longas ou mais curtas, simples ou complexas, se acabam levando ao caminho da evolução.

Quando a evolução de um espírito em um determinado astro do universo tiver chegado ao ápice, poderá reencarnar em outro planeta ou mundo habitado, ampliando seus horizontes culturais e morais.

São consideradas duas asas para se alçar o grande vôo evolutivo. A asa do conhecimento e a asa do amor. O progresso nas sucessivas encarnações não é somente intelectual, mas, sobretudo, moral.

Não nos lembramos das encarnações pretéritas devido um processo natural de defesa psíquica. A sabedoria das leis naturais estabelece um bloqueio às recordações das vidas anteriores, facilitando a adaptação do indivíduo as circunstâncias da vida atual. Exemplificando: Pais e filhos na vida atual podem estar convivendo sob o mesmo teto com a finalidade principal de se reconciliarem de situações mutuamente embaraçosas ou dolorosas em vidas anteriores. Muitas vezes até inimigos do pretérito aportam em lares comuns para desenvolverem o perdão e o amor através da figura familiar que facilita a aproximação.

Hoje estamos corrigindo equívocos do passado ou tendo oportunidade renovada de superar deficiências antigas.

Conforme a interpretação espírita, Deus não castiga como não premia. Deus é uma lei imutável porque é perfeita, portanto, não sujeita a atitudes emocionais.

Existe apenas a consequência natural dos atos praticados por nós mesmos os causadores dos próprios sofrimentos pela chamada “lei da ação e reação”.

Conforme a conceituação espírita, não existe uma em função de um rótulo religioso. Não adiantara esta ou aquela religião. Também não leva a consequência permanecer orando maquinalmente a miséria, a ignorância e o sofrimento sobre o semelhante. Como disse Tiago: “A fé sem obras é morta”. Aceitar Jesus, para os espíritas, não é proclamar esta aceitação, mas procurar seguir ensinamentos.

Ao invés da frase “Fora da Igreja não há salvação”, os adeptos do espiritismo adotam: “Fora da caridade não há salvação”

12. A Ordem Rosa Cruz

Com referência à Ordem Rosa-Cruz, encontramos na Enciclopédia Britânica a conceituação de que seus ensinamentos parecem associar informações do hermetismo egípcio, do gnosticismo cristão, do cabalismo judaico, da alquimia e de outras crenças alicerçadas no ocultismo.

O documento historicamente mais antigo que faz alusão a Ordem Rosa-Cruz aparece no princípio do século XVII. Esse documento, *Fama Fraternitatis* fala da viagem de Cristian Rosenkreuz, tido como iniciador da Ordem, à Síria, Arábia, Egito e Marrocos, lugares onde teria adquirido conhecimentos ocultos. Rosenkreuz tendo retornado à Alemanha decidiu fundar o movimento Rosa-Cruz. A sociedade permaneceu secreta por 100 anos.

Há uma corrente que prefere considerar o movimento como o renascimento da Ordem existente há milênios atrás, no Egito.

Em 1915, nos Estados Unidos, houve um incremento das atividades da Ancient Mystical Order Rose-Cross, (AMORC), equivalente a Antiga Ordem Mística Rosa-Cruz.

Existem diversos aspectos semelhantes entre a Maçonaria e a Ordem Rosa-Cruz. Na Maçonaria há, inclusive, um de seus graus que recebe a denominação de grau Rosa-Cruz.

No livro, *O Conceito Rosa-Cruz do Cosmos*, deparamos com a frase: “O propósito da vida não é a felicidade e sim a experiência” Para o autor desta obra, Max Heindel, a experiência é “o conhecimento das causas que produzem os atos”

Para a filosofia Rosa-Cruz, o homem se encontra na vida como numa escola, a escola da experiência. Necessita à vida retornar, por diversas vezes, antes que possa conhecer e dominar todo o mundo dos sentidos. Não existe apenas uma vida terrestre, por mais enriquecedora tenha sido em aprendizado que possa proporcionar todo esse conhecimento, e, por isso, a natureza determina que o homem deve retornar à Terra, depois de intervalos de descanso, para prosseguir em seu trabalho, do ponto em que o interrompeu, assim como uma criança segue em seu estudo a cada dia escolar, depois de uma noite de sono.

Vemos, portanto, um conceito de Reencarnação bastante nítido e diretamente vinculado a Evolução, na concepção da Ordem Rosa-Cruz.

13 Teosofia

A Teosofia não se intitula uma religião, tampouco se considera como seita, denominação inapropriada às suas características. Isto porque não possui sacerdotes, hierarquia religiosa, ritos, cerimônias ou dogmas de qualquer espécie. Não se considera também a única possuidora da verdade.

Segundo seus adeptos a Teosofia debate e estuda os ensinamentos dos Mahatmas, que seriam os “mestres da compaixão e da sabedoria”. Os seus afeccionados não a designam de escola filosófica, mas, sim, um “reflexo da sabedoria de Deus”; aliás, este é significado etimológico da palavra teosofia, em grego.

Para os teósofos, o apóstolo Paulo foi o pioneiro na utilização não só da palavra, mas do conceito de teosofia no sentido de “sabedoria de Deus”. Assim, no capítulo II, versículo 7, da primeira. Carta aos Coríntios lemos: “Ensinamos, porém, a sabedoria de Deus, envolta em mistério, encoberta, que, antes dos séculos, foi destinada por Deus para nossa glória...”

Conforme Annie Besant, a Sociedade Teosófica tem como ideais a Fraternidade, a Tolerância e o Conhecimento. Em seus postulados básicos a Teosofia também incorpora a Reencarnação, O princípio da pluralidade das existências faz parte do seu contexto doutrinário desde sua fundação, no final do século XIX.

Vejamos, pelo prisma teosófico, como se operam os renascimentos:

Embora a palingênese ou reencarnação seja habitualmente compreendida ou estudada mais relacionada aos seres humanos, é, na realidade, um fato inerente a todos os seres vivos. A vida de uma flor, como o gerânio que morre, volta à “alma-grupo” da espécie, depois reencarna sob a forma de outro gerânio. Um canário que falece por uma doença volta à “alma grupo” deste gênero de ave, e, mais tarde, renasce em outro ninho novamente como um canário.

No caso do homem, não retorna a uma alma grupo em função de já ter alcançado, pela evolução, uma consciência individual; quando reencarna, possui as faculdades adquiridas em vidas anteriores sem as ver reduzidas pela integração com grupos de outros indivíduos.

A Teosofia igualmente ensina que um espírito uma vez tendo se individualizado e se tornado humano, não pode mais renascer em uma forma animal ou vegetal.

Isto significa que não aceita a metempsicose.

Uma das mais expressivas personalidades da teosofia foi Annie Wood Besant (1847-1933), tendo deixado diversas contribuições literárias nesta área as quais se disseminaram principalmente no meio cultural interessado em questões espiritualistas.

O resumo filosófico da doutrina teosófica é encontrado na obra “O homem: de onde vem e para onde vai”, é escrita por Annie Besant em colaboração com Leadbeater.

14 Projeziologia

A Projeziologia considera-se um ramo, ou sub campo, ou ainda uma subdisciplina da Parapsicologia. Apesar de não ser reconhecida como tal, pela maioria das correntes parapsicólogo da atualidade, esta é a conceituação apresentada pelo Dr. Valdo Vieira, médico brasileiro, criador do verbete que designou a nova ciência.

O vocábulo Projeziologia provém da junção de projectio, que, em latim, significa projeção, e logos, palavra grega que equivale a tratado ou estudo.

A projetabilidade, ou capacidade de projetar-se é uma faculdade anímica (espiritual), ou condição consciencial, pela qual a consciência (espírito) se projeta para fora do corpo humano através do corpo astral (psicossoma ou corpo espiritual) ou, em nível mais aprofundado, não só para fora do corpo humano mas, também, para fora do corpo astral através do corpo mental como no caso dos seres desencarnados (espíritos) que já não possuem corpo físico.

A capacidade de o indivíduo projetar-se para fora do corpo físico, segundo o Dr. Valdo Vieira, não constitui dom hereditário nem privilégio exclusivo de alguém em particular, porque é inerente ao ser humano, seja homem, mulher ou criança ou, até mesmo, um espírito desencarnado. Todos os seres humanos possuem latentes os rudimentos da projetabilidade; por isso, essa condição não apresenta nenhuma conotação patológica sendo essencialmente fisiológica ou, mais propriamente parafisiológica.

Conforme os projeciólogos, os limites das pesquisas parapsíquicas da Projeciologia não são determinados e o seu campo apresenta forçosamente amplo envolvimento com outras disciplinas. Na verdade, todas as ciências se cruzam com a Projeciologia. Consideram, também, que os cientistas de qualquer campo podem se beneficiar através das visões oferecidas pelas projeções conscientes porque estas lhes facultariam uma percepção extrafísica, ampliando os horizontes dimensionais da realidade objetiva captada pela consciência aprisionada no corpo físico.

Os Exponentes da Projeciologia fazem questão de enfatizar que esta ciência “nada tem a ver com crença, religião, religiosidade, filosofia, ateísmo, materialismo ou espiritismo”. Admitem, no entanto, que o engajamento maior na projeção consciente acaba tendo conteúdo social, político e inevitáveis consequências fisiológicas.

A chamada Moral Cósmica ou Cosmo-ética merece freqüentes abordagens, por parte do Dr. Valdo Vieira, em seu volumoso tratado de quase 1000 páginas, “Projeciologia”, publicado em primeira edição em 1986 com distribuição inteiramente gratuita pelo autor.

No que se refere aos conhecimentos sobre Reencarnação, todos os livros de Projeciologia navegam, com naturalidade, pelos oceanos desta realidade uni versal. Vejamos algumas referências.

“No capítulo 31 da obra “Projeciologia”, o autor comenta sobre “Dejaísmo Projetivo”, termo oriundo da expressão francesa Dèjá-vu que significa já visto. O autor também salienta que, além do já visto há também o “já amado”, “já ouvido”, “já experimentado”, “já lido” e “já sentido”. Explica estas sensações como, muitas vezes, decorrentes de lembranças ou impressões colhidas pela consciência projetada. Neste mesmo capítulo, faz referência, além do Dejaísmo projetivo, a outro tipo de Dèjá-vu: O Dejaísmo reencarnatório, que seriam fenômenos onde a consciência encarnada, no estado de vigília físico habitual, apresenta lembranças autênticas, retrocognitivas, de outra encarnação, previamente vivida pela consciência. São estados de expansão consciencial em que os arquétipos, ou arquivos de vidas anteriores, vêm à superfície da mente atual. O Dejaísmo reencarnatório pode ser desencadeado por um fato da vida atual (visão, leitura, emoção, sensação, etc), que faz ressonância com uma situação semelhante aos registros consciências do passado do indivíduo, exemplificando, uma determinada pessoa, em viagem pelo exterior, ao se deparar com uma construção antiga tem um choque emocional ao considerar “já ter visto” o local e desfilam em sua mente detalhes de uma vida anterior relacionados com a dita construção.

No capítulo 436 de “Projeciologia” encontramos sob o título, Projeção Consciente e Reencarnação, as seguintes citações:

Definição. Reencarnação: forma de sobrevivência na qual o ego, ou consciência, retorna à vida humana envergando um corpo de carne e ossos, depois de ter experimentado a morte biológica de outro corpo físico e passa por um período de existência no plano extrafísico ou intermissão.

Sinonímia: ancoragem espaço tempo; consciência em série; consciência seriada; ECM (extra cerebral memory); memória extracerebral; metensarcose; metensomatose; palingenesia; pluralidade das existências; pluralidade das vidas corpóreas; renascimento da personalidade; transmigração da alma; vidas sucessivas.

15 Seicho-No-Iê

A Seicho-No-Iê pode também ser considerada uma filosofia de vida. O significado do termo, traduzido da língua japonesa, equivale a “casa da plenitude”.

As enciclopédias definem Seicho-No-Iê como uma religião japonesa, fundada por Masaharu Tanigushi, que se caracteriza principalmente por ser um movimento filosófico-cultural. Seja como for, passou a adquirir personalidade jurídica como religião em 1945. Há na essência doutrinária da Seicho-no-iê elementos do budismo, cristianismo, e da psicologia moderna. Sua doutrina ressalta a supremacia do espírito sobre a matéria; pelo espírito deve o homem viver, contemplar e transformar o mundo. Para os estudiosos desta filosofia há um Deus pai, comunicável, amoroso e poderoso. A cura das doenças é outro ponto doutrinário, já que as mesmas são consideradas conseqüências dos erros do pensamento humano. A cura pode ser obtida pela meditação, instrução e reformulação do pensamento.

O culto aos ancestrais também assume significativa importância no contexto da religião.

Apesar de só existir oficialmente há aproximadamente meio século, é, no Japão, a religião que mais tem atraído intelectuais. Já em 1978, eram dois milhões de freqüentadores em terras nipônicas, e, no Brasil, não se restringe apenas aos descendentes japoneses, contando com expressiva receptividade em diversas camadas sociais e até na elite cultural.

Define-se, também, como Movimento de Libertação da Humanidade da Seicho-no-iê, ou filosofia de vida e movimento de conciliação universal.

O Doutor Tanigushi é autor de numerosos livros e tem efetuado viagens através do mundo para expor os princípios de sua filosofia; sua obra mais difundida é a Sutra Sagrada (Kanro No Hoou), estando a mesma acrescida de cânticos e palavras de meditação para recuperar saúde.

Assim se define um dos princípios básicos da Seicho-No-Iê:

A morte do corpo não pode significar a morte do homem. Ele apenas muda de nível, perdendo sua condição carnal, e passa a viver numa dimensão espiritual.

Depois de determinado período nesse plano espiritual retorna ao mundo terreno, para realizar, numa segunda condição corporal, o que deixou de realizar na primeira, e essas passagens sucessivas pelo universo terreno vão permitindo atingir um estado de perfeição que dispensará, o regresso a um corpo material, por que, então, já estará plenamente realizado na esfera puramente espiritual.

Fica, pois, nitidamente caracterizada a posição espiritualista-evolucionista da filosofia Seicho-No-Iê bem como o enfoque reencarnacionista como um dos pontos basilares desta moderna religião, de origem japonesa, que vem conquistando, pelas suas mensagens, cada vez mais adeptos entre a classe mais intelectualizada, tanto ocidental como oriental.

(1)-Tem seu culto, sua “bíblia” (Seirnei no Jisso) e sua mensagem doutrinária.

Razões.

O conhecimento, ou melhor, a aceitação da teoria da reencarnação, hoje atinge metade da população terrestre, além de trazer implicações profundas para as criaturas, altera-lhes a filosofia geral, elimina todo o preconceito racial, os pruridos nacionalistas, e o chovinismo sexual. Às vezes, torna-se uma necessidade vital o conhecimento íntimo de reencarnações pessoais anteriores porque nestas estão as origens de problemas cármicos e a raiz de muitas doenças que afligem certas pessoas na atualidade, daí tendo nascido a terapia de vidas passadas, ou terapêutica reencarnacionista.

Pesquisa. Além da emergência espontânea de memórias reencarnatórias intimamente ligadas a evolução interna do ser, de pesadelos recorrentes, da regressão pré-natal hipnótica, da meditação profunda, das técnicas especiais de massagens, e outros processos, A projeção consciente constitui método de pesquisa eficaz para o acesso individual da consciência encarnada às suas existências transatas ou prévias.

Sobrevivência.

A reencarnação evidencia a sobrevivência do ego após a morte do corpo humano, o futuro do ser, através de rememorações de experiências passadas. A projeção consciente evidencia a mesma sobrevivência, através de rememorações interplanos de experiências atuais. Em ambos os casos ocorrem implicação do fator tempo e a atuação dos mecanismos de memória.

* Nota do autor: Conforme o ponto de vista expresso pelo autor mencionado no texto. Ressalvamos que a Terapia de Vidas Passadas tem suas indicações e contra-indicações precisas.

Processos. As reencarnações pessoais podem ser pesquisadas pela consciência projetada através da rememoração extrafísica, às vezes induzidas por amparador, ou executada psicometricamente no plano extrafísico crosta-a-crosta. Contudo, há encarnado ansioso para conhecer a sua vida anterior quando foi uma personalidade realizadora, porque hoje não está realizando o que deveria, numa reação de compensação parapsicológica...

Não é proposição básica da projeciologia o estudo ou a pesquisa de vidas anteriores, e apesar disto, fica bastante evidente a aceitação da Reencarnação por parte dos projeciólogos. O capítulo mencionado se estende por diversas páginas detalhando vários aspectos, inclusive estudos sobre impressões digitais, etc.

O mérito da edificação desta ciência deve-se, sem dúvida, ao ilustre Dr. Valdo Vieira e, a Projeciologia está pronta, e é capaz de oferecer equivalentes científicos para muitos conceitos religiosos tradicionais, especialmente no que tange ao modo de comunicação consciencial: a prece e a evocação, por exemplo, que dependem da telepatia, podem ter seus resultados confirmados pela consciência projetada do corpo humano. A vidência pode ser vivenciada e sentida fora do corpo físico e as colônias espirituais visitadas pela consciência projetada. Consideram os adeptos da projeciologia que não só a fé cega, mas até a fé raciocinada poderá ser substituída pelo conhecimento pessoal direto, e definitivo, da consciência projetada extrafisicamente.

Apesar dos indiscutíveis méritos da projeciologia, convém salientar que os mesmos fenômenos já foram estudados por autores do século XIX. A “bilocação física” ou bicorporiedade”, termos utilizados pela ciência espírita, traduzem exatamente o mesmo fato. Os estudos efetuados na França por Allan Kardec (1804-1869) com a designação de “emancipação da alma”, embora com terminologia diversa, apresentam o mesmo conteúdo fenomênico da Projeciologia.

16. Psicanálise

A psicanálise é um método de investigação psicológica do procedimento humano individual e uma orientação terapêutica-psicoterápica que se propõe a corrigir os desajustes emocionais causadores das neuroses e psicoses.

Sigmund Freud, médico austríaco, natural de Viena, foi quem desenvolveu tanto o método de investigação como os pilares que sustentam a orientação terapêutica da psicanálise. Psiquiatra e neurologista, professor de neurologia na Universidade de Viena, iniciou seus trabalhos utilizando hipnotismo mas abandonou esta técnica para tentar a sugestão. Foi a partir deste ponto que, celeremente, aprofundou-se em suas teorias, que culminaram nos métodos conhecidos como psicanálise. Seus conceitos, principalmente no tocante à interpretação dos sonhos ou a atribuição de quase todos os casos de neurose às repressões de desejos sexuais, provocaram grande impacto e controvérsia no meio científico da época.

Freud, nascido em 1856, desde a última década do século XIX utilizou o método clínico para o estudo da personalidade humana. Embora Sigmund Freud fosse quem tivesse desenvolvido o que hoje consideramos psicanálise, a idéia original não foi sua. Essa surgiu na história, na mente de um médico, também vienense, Josef Breuer. Foi o Dr. Breuer que comunicou ao ainda jovem Freud as suas idéias sobre o fenômeno histérico da conversão, em que um episódio vivido conflitivamente pela paciente havia desaparecido de sua memória consciente e se transformado em memória ou registro corporal.

A idéia de trazer à memória consciente o episódio, e o efeito terapêutico deste fato, acabaram na descoberta de uma estrutura psíquica que passou a ser denominada de inconsciente. Forças mentais, que representam preconceitos morais, impedem o aparecimento consciente de memórias e assim surgem conflitos e ansiedades. Segundo Freud, o procedimento humano tem intensa relação com os instintos sexuais e a sua não aceitação pela moral de nossa sociedade (repressão). Esse fato seria o conflito fundamental, motivador das neuroses.

Embora não possamos considerar o pai da psicanálise como adepto do renascimento, o tema também mereceu algumas considerações por parte do eminente médico.

Na obra “Pensamentos para Tempos de Guerra e Morte”, podemos extrair o seguinte trecho:

“Essas existências subsequêntes não foram, de princípio, mais que apêndices à existência que a morte levava a um fim; eram existências ensombradas, vazias de conteúdo e pouco valendo. Só mais tarde as religiões conseguiram representar esse após-vida como o mais desejável, como o realmente válido. Depois disso o estender da vida para trás, para o passado, formar a noção de EXISTÊNCIAS ANTERIORES, DA TRANS MIGRAÇÃO DAS ALMAS E DA REENCARNAÇÃO FOI APENAS COISA CONSEQUENTE, tudo com o propósito de despojar a morte do seu significado como término da vida”. (os destaques são nossos).

Não estamos, com a referência anterior, ingênua mente acreditando que Freud esteja admitindo a reencarnação mas torna-se clara a admissão lógica da mesma dentro do contexto da aceitação do “após-vida”.

Muitos foram os colaboradores e seguidores de Freud mas Carl Gustav Jung (1875-1961) destacou-se sobremaneira.

Jung, psicólogo suíço, após se identificar com as bases do pensamento freudiano passou a estudar o inconsciente e, com o passar do tempo, divergir de algumas opiniões de Freud levando-o a separar-se do médico vienense. Jung valorizava muito o exercício constante das virtudes humanas e chegava a afirmar que a única forma de conservarmos a civilização, ameaçada pela desumanidade e pelas forças do barbarismo se ria pelo desenvolvimento e uso eficaz das virtudes humanas.

Se Freud apenas tangenciou a questão da Reencarnação e até relacionou esta teoria com a necessidade humana de encontrar uma saída lógica ou mecanismo psicológico de não admitir o término da vida, a posição de Jung parece-nos bem mais explicitada em seus trabalhos.

Jung proferiu uma conferência intitulada “A Respeito do Renascimento” na qual encontramos as seguintes citações:

Metempsicose: o primeiro dos cinco aspectos de renascimento com os quais desejo atrair a atenção é a metempsicose, ou transmigração das almas. De acordo com este ponto de vista nossa vida é prolongada no tempo, passando através de diferentes existências corpóreas, ou, de um outro ponto de vista, é uma vida em seqüência, interrompida por diferentes reencarnações. Não há certeza de ser ou não garantida a continuidade da personalidade. Pode haver, apenas, uma Reencarnação: esse conceito de renascimento implica, necessariamente, a continuidade da personalidade. Aqui, a humana personalidade é vista como contínua e acessível à memória, de forma que, quando alguém é encarnado, ou nasce, pode, pelo menos potencialmente, recordar aquele que viveu através de existências anteriores, sendo essas vidas as dele próprio, isto é, vidas que tinham a mesma forma-EU da vida presente. Via de regra, a reencarnação quer dizer renascimento num corpo humano.

O renascimento não é um processo que possamos, seja como for, observar. Não podemos medir, nem a continuidade do Carma, nem pesar, nem fotografar tal coisa. Isso fica inteiramente para além do senso de percepção.

Temos de nos ver, aqui, como uma realidade puramente psíquica, que nos é transmitida indiretamente através de declarações pessoais. Um fala sobre renascimento. Isso aceitamos como suficientemente real. Sou de opinião que a psique é o fato mais tremendo da vida humana. O simples fato de pessoas falarem sobre renascimento, e de haver um tal conceito, significa que um cabedal de experiências psíquicas, designadas com aquele termo, DEVE REALMENTE EXISTIR. (O destaque é nosso).

O renascimento é uma afirmação que deve ser contada entre as afirmações primordiais da humanidade. Essas afirmações primordiais são baseadas naquilo que nós chamamos de arquétipos. Deve haver acontecimentos psíquicos subjacentes nessas afirmações, assunto que à psicologia cabe discutir, sem entrar em todas as suposições metafísicas e filosóficas em relação à sua importância.

Jung teve sua autobiografia publicada póstuma mente tendo recebida a titulação “Memória, Sonhos e Reflexões”. Desta obra podemos destacar alguns trechos onde a referência a reencarnação é também nitidamente favorável.

“Minha vida, tal como vivi, muitas vezes pareceu-me uma história sem princípio nem fim. Tinha a impressão de ser um fragmento histórico, um excerto do qual o texto PRECEDENTE E SUBSEQUENTE ESTAVAM FALTANDO. (Destaque nosso). Podia bem imaginar que tinha vivido em séculos anteriores e ali deparado com questões que ainda não era capaz de resolver. E QUE RENASCERA POR NÃO TER CUMPRIDO A TAREFA QUE ME FORA DADA. Quando eu morrer, minhas ações irão comigo, isso é o que eu imagino. Levarei comigo o que fiz. No entretanto, é importante garantir que não chegue ao fim com as mãos vazias.

A significação da minha existência tem uma pergunta que me é endereçada. Ou, ao contrário, eu próprio sou uma pergunta dirigida ao mundo, e devo comunicar a minha resposta, por que, de outra maneira, fico dependente da resposta do mundo. Esta é uma tarefa de vida superpessoal, que cumpro somente com esforço e dificuldade. Minha forma de fazer a pergunta bem como a minha resposta podem ser insatisfatórias. Sendo assim, alguém que tem o meu carma - ou eu próprio - tinha de renascer, a fim de dar uma resposta mais completa.

Pode acontecer que eu não torne a nascer, se o mundo não precisar dessa resposta, e que não sejam outorgadas várias centenas de anos de paz, até que alguém se interesse por esses assuntos e possa, proveitosamente, realizar a tarefa, seja necessário, nova mente. Imagino que por algum tempo um período de repouso deva seguir-se, até que o quinhão por mim realizado em minha existência precise ser novamente as sumido.

Parece-me provável que após a morte existam certas limitações, mas que as almas dos mortos irão aos poucos descobrindo onde fica os limites do seu estado de liberação. Algures, por ali, deve haver um determinante, uma necessidade condicionando o mundo, necessidade que procura colocar um fim no estado do após morte. ESSE DETERMINANTE CRIATIVO, ASSIM PENSO, DEVE DECIDIR QUAIS SAO AS AL MAS QUE DEVEM MERGULHAR NOVAMENTE NO NASCIMENTO". (Destaque nosso).

Cari Gustav Jung tornou-se famoso pela criação do conceito do “inconsciente coletivo segundo o qual o ser humano é um ser coletivo isto é, um representante de sua espécie num determinado momento de desenvolvimento, desde os tempos ancestrais. Chamou atenção para os arquétipos que são imagens primitivas (arquiprimitivas) gravadas na mente desde a fecundação. Pertencem ao patrimônio comum da humanidade, encontram-se em todas as mitologias e são expressão do “inconsciente coletivo.

Os enfoques nitidamente espiritualistas bem como as reflexões acerca das vidas sucessivas, que Jung deixou para seus pósteros, lamentavelmente são pouco conhecidas e difundidas até, surpreendentemente, ao dialogarmos com psicanalistas alguns deles desconhecem ou negarem ser Gari Gustav Jung também um reencarnacionista.

17. Parapsicologia

Assim como o universo físico vem sendo substituído pelo conceito de universo energético a psicologia moderna vem abrindo espaços para uma visão cada vez mais aberta ao elemento extrafísico e transcendente aos sentidos comuns do ser humano.

Na realidade, como a Psicologia está sujeita aos postulados físicos das demais disciplinas científicas, persistem, em maioria, as posições tradicionalmente rígidas que observam com descrédito, ou reserva, o surgimento de novas correntes que investigam os fenômenos paranormais ou mesmo admitem ser a mente um elemento extrafísico capaz de sobreviver à morte biológica.

A Parapsicologia é o processo científico de investigação dos fenômenos inabituais, que podem ser de ordem psíquica ou psicofisiológica. Não é propriamente uma ciência, conforme ponderaram os seus pioneiros, pois, se considera uma ramificação ou derivação da Psicologia. Pretende conquistar para a Psicologia uma área de fenômenos ainda desconhecidos pela ciência.

Os mencionados fenômenos inabituais foram designados pela Parapsicologia como fenômenos paranormais ou ainda fenômenos psi. Mas vejamos o que são os tais fenômenos de uma forma simplificada:

Se alguém, de olhos fechados e vendados, consegue, sob rígido controle laboratorial, ler uma página de uma obra escolhida por um grupo de cientistas, não é um fato comum, ou normal, portanto, trata-se de um fenômeno paranormal. Assim, a telepatia, a clarividência, a premonição, a psicocinesia ou movimentação de objetos pela ação da mente, são do interesse da Parapsicologia.

A Parapsicologia se fundamenta na pesquisa científica de laboratório, arduamente realizada, com todos os rigores necessários do controle científico, obtendo resultados que são submetidos a tratamento temático a fim de que possam ser corretamente aferidos. Diversamente disto, o que existe é simples empirismo, charlatanismo ou ingenuidade. As pessoas que se interessam pela Parapsicologia precisam saber, antes de tudo, que uma disciplina científica não admite exhibições do tipo teatral.

O parapsicólogo sério, ou, simplesmente, o autêntico estudante da parapsicologia, jamais dará espetáculos em programa de televisão ou, muito menos, em salões públicos, shows de ilusionismo ou efetuar qualquer tipo de “demonstração” pelo método de “esquina de rua”.

Como toda nova ciência, ou disciplina científica, a Parapsicologia tem sido vítima de muitos aventureiros que o leigo não logra distinguir dos investigadores ou estudiosos honestos.

Observa-se, também, que interesses pessoais ou de grupos são freqüentemente infiltrados no meio científico, isto porque fenômenos tidos como milagres ou mistérios passam a ser objeto da ciência.

Os parapsicólogos da linha do Prof. Joseph Banks Rhine, que iniciou seus estudos na Duke University, Carolina do Norte nos Estados Unidos, encaram os fenômenos como de natureza psicológica, consideram a natureza extrafísica da mente, a possibilidade de sua sobrevivência após a morte e inclusive a comunicação, ou transmissão telepática após a morte física.

O Prof. Whately Carington, da Universidade de Cambridge, chegou a formular uma teoria parapsicológica da existência post-mortem.

O Prof. Harry Price, da Universidade de Oxford, sustenta a tese que “a mente humana sobrevive à morte e tem o mesmo poder da mente do homem vivo de influenciar outras mentes do mundo material”.

O Prof. Soal, da Universidade de Londres, realizou com êxito experiências de “voz direta”, ou pneumatofonia, onde a voz de um comunicante espiritual é ouvida no espaço sem a presença de um médium.

Louise Rhine realizou inúmeras experiências na Duke University, as quais sugerem a participação de inteligências extracorpóreas, conforme comentários do livro “O Novo Mundo da Mente” de J. B. Rhine, seu esposo.

Ao contrário dos pesquisadores citados, existem alguns que seguem a linha de Robert Amadou, que na França, reforça a posição católica segundo a qual os fenômenos são de ordem inferior, relacionados ao psiquismo primitivo ou animal, portanto, não podem provar nada a respeito da alma ou de sua sobrevivência. Muitos ministros religiosos talvez preocupados com esta súbita incursão da ciência em “terreno alheio” divulgam com veemência os conceitos desta linha parapsicológica.

Na Rússia, Leonid Vassíliev considera serem todos os fenômenos paranormais como meramente fisiológicos, exemplificando: Se uma sensitiva russa colocando as mãos sobre um texto consegue lê-lo, com os olhos vendados, deve possuir nas terminações nervosas dos dedos estruturas visuais desconhecidas. O professor J. Herculano Pires, do Instituto Paulista de Parapsicologia, publicou através da editora Edicel Ltda um excelente livro, “Parapsicologia Hoje e Amanhã”, no qual coloca didaticamente todo o histórico, e as perspectivas futuras desta nova ciência apresentando inclusive as diversas visões das melhores escolas de Parapsicologia. Como existem muitos livros de autores comprometidos com outros interesses e de qualidade duvidosa pedimos desculpas, mas, fazemos aqui, sua indicação.

No que diz respeito a questão das vidas sucessivas, a Parapsicologia muito tem contribuído, ao contrário do que afirmam alguns religiosos, para a comprovação da teoria da Reencarnação.

Pesquisadores russos, dentre os quais destacamos o Prof. Vladimir Raikov, efetuaram experiências por sugestão hipnótica que denominaram “reencarnações sugestivas”. Nestes casos os sensitivos se descreviam, em detalhes, vivendo em outra época, outra cidade, com outra personalidade, mas a mesma individualidade.

As investigações sobre Reencarnação, no meio universitário, tiveram, ao que parece, no Prof. Dr. Hamendras Nat Banerjee, da Universidade de Jaipur, província de Rajastan, na Índia, o pioneiro que abriu novos caminhos às pesquisas subseqüentes. A partir de 1954, estabeleceu, o eminente indiano, uma sistemática rigorosa para a documentação dos casos registrados. Vários livros, nos quais apresenta o resultado de seus trabalhos, foram editados em inglês pela própria universidade, alcançando repercussão internacional. O número de casos que compunha o fichário de suas pesquisas já ultrapassava a 1000, em 1974.

Uma das dificuldades naturais para a aquisição da respeitabilidade internacional ao seu trabalho esteve sempre ligada ao fato do mesmo ser dirigido por um indiano. Como a Índia é composta por uma população de caráter iminentemente reencarnacionista e seu povo considerado místico, no sentido pejorativo do termo, ocorre, automaticamente, um preconceito científico por parte de outros grupos pertencentes a diferentes etnias.

Considerando esta adversidade, Banerjee passou a tomar extrema cautela, por vezes excessiva, com relação as suas conclusões, quando havia oportunidade de definir a Reencarnação como um fenômeno com provado cientificamente.

Em função da tendência preconceituosa, com relação a Índia e aos indianos, sustentou sempre um posição rigorosamente científica embora chegasse a admitir ser a reencarnação a hipótese mais lógica para explicar os fenômenos pesquisados.

De autoria do Prof. Dr. Ian Stevenson, o livro “Twenty Cases Suggestive of Reincarnation”, que foi traduzido para o português com o título correspondente (20 Casos Sugestivos de Reencarnação), apresenta uma investigação detalhada de duas dezenas de casos escolhidos do seu arquivo universitário que, na época, já continha 600 casos. Posteriormente, ampliou-se para mais de 2000 casos devidamente documentados.

Stevenson, tal qual Banerjee, não segue o método do seu colega russo Raikov, que optou pela regressão de memória utilizando técnicas hipnóticas. Tanto o investigador norte-americano como o indiano, ao contrário de Raikov, preferem o exame dos relatos espontâneos de lembranças de vidas anteriores reveladas por crianças. Conforme estes cientistas, os casos espontâneos têm a vantagem da naturalidade, enquanto alguns sacerdotes tem se especializado em rejeitar qualquer fenômeno que ateste a existência dos espíritos. Lamentavelmente, existem sacerdotes que vêm usando de truques mágicos para falar e procurar demonstrar fenômenos paranormais. O núcleo dos mágicos profissionais de Niterói, através da sua revista “Miríade Mágica” nos números 9 e 10 de abril e maio de 1965, chega a criticar este fato.

Determinadas atitudes, como a anteriormente mencionada, tornam cada vez mais difícil a aceitação, por parte da comunidade científica, as provas da Reencarnação obtidas por parapsicólogos. No entanto, as mesmas estão se avolumando.

18. Antroposofia

O termo Antroposofia significa sabedoria do homem. Conforme o “Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa”, o termo correto seria antroposofia embora adote-se comumente a grafia com apenas um “s”.

A Antroposofia teve origem no movimento teosófico que se ramificou em função de divergências conceituais entre alguns de seus pensadores, com Helena Petrovna Blavatsky. A Sociedade Teosófica, fundada em 1875, apresentou como expressão maior aquela que literariamente passaria a história como Madame Blavatsky, teosofista russa que obteve iniciação no budismo esotérico durante viagens de estudo que fez à Índia, à África e à América.

O fundador da Antroposofia, quando este movimento separou-se da Sociedade Teosófica, foi o austríaco Rudolf Steiner, nascido em 1861 e desencarnado em 1925. Steiner foi estudioso em matemática e ciências naturais. Suas teorias sobre educação, usando a arte como terapêutica para deficientes mentais, tiveram resultados significativos. Realizou vários trabalhos em diversos setores do conhecimento sendo a medicina antroposófica e a educação, talvez, os que encontraram maior receptividade entre os profissionais das áreas em questão.

Rudolf Steiner deixou inúmeras referências a re encarnação em suas obras. Observemos em “Reencarnação e Carma: Sua Significação na Cultura Moderna”, o trecho transcrito abaixo.

“Que significaria a reencarnação para o todo da consciência do homem, para o todo de sua vida de sentimento e de pensamento? As pessoas que pertenceram às épocas iniciais da civilização ocidental e a grande maioria das que vivem no tempo presente agarram-se ainda à crença de que a vida espiritual do homem, após a morte, é inteiramente separada da sua existência terrena. O conhecimento da reencarnação e do carma transforma inteiramente esta idéia. O que está na alma de um homem que passou através das portas da morte tem significação não só para a esfera além da terra, mas o próprio futuro da terra depende do que foi a vida dele, entre o nascimento e a morte. Toda a configuração futura do planeta, bem como a vida social do homem no futuro, depende de COMO OS HOMENS VIVERAM EM SUAS REENCARNAÇÕES ANTERIORES. (Desta que nosso). Um homem que assimilou essas idéias sabe: de acordo com o que fui na vida terei um efeito sobre tudo quanto tem lugar no futuro, sobre toda civilização do futuro! O sentimento de responsabilidade será intensificado até um ponto que anteriormente seria impossível e outras intuições morais irão seguir-se”.

Segundo analista de questões religiosas e filosóficas, as teorias antroposóficas teriam alguns fundamentos cristãos combinados com misticismo alemão e forte tempero esotérico. As almas humanas procederiam de Deus tal qual os raios solares procedem do Sol, tendo sido aprisionadas pela matéria em consequência do pecado. A libertação da alma pode ser favorecida pela prática de determinados exercícios espirituais e físicos. Cristo teria tido outras encarnações anteriores dentre as quais como Mitra e Dioniso.

A sede do movimento antroposófico se instalou em Basileia e foi denominada Goetheanum, Devido a ação de populares fanáticos, e adversários, sua sede foi incendiada em 1922 tendo sido reconstruída posteriormente.

Para percebermos ainda melhor a visão reencarnacionista de Rudolf Steiner transcrevemos mais um trecho de uma de suas obras:

PERGUNTA: É possível compreender, de acordo com a lei da Reencarnação e do Karma, como uma alma altamente desenvolvida pode renascer numa criança indefesa, não desenvolvida? Para muitas pessoas o pensamento de que temos de começar várias vezes, desde a infância, é intolerável e ilógico.

RESPOSTA: Tal como o pianista deve esperar que o construtor de pianos faça um em que possa expressar suas idéias musicais, a alma deve esperar com as faculdades que adquiriu numa vida anterior, que as forças do mundo físico tenham construído os órgãos corporais até o ponto em que possam expressar essas faculdades.

Se a alma simplesmente entrasse no mundo em seu estágio anterior, seria um estrangeiro nele. O período de infância é vivido a fim de trazer harmonia entre a velha e a nova condição. Como poderia um dos mais talentosos romanos antigos aparecer em nosso mundo presente, se tivesse simplesmente nascido em nosso mundo com os poderes que adquiriu? Um poder só pode ser empregado quando em harmonia com o mundo derredor. O pensamento de que temos de nascer como crianças não é, portanto, nem ilógico nem intolerável, pelo contrário, seria intolerável o nascermos como um homem completamente desenvolvido num mundo em que seríamos estrangeiros.

19. Logosofia

Carlos Bernardo Pecotche, pensador argentino, foi o fundador da primeira Escola de Logosofia, em 1930, na cidade de Córdoba, Argentina. Pecotche, nascido em 1901 e falecido em 1963, naquela cidade, lá desenvolveu seus estudos que posteriormente se disseminaram pela Argentina, Uruguai e Brasil. Atualmente se encontram grupos logosóficos não só nas Américas, mas, também, em outros continentes.

A Logosofia é uma doutrina ético-filosófica que tem por objetivo ensinar o ser humano a autotransformação por meio de um processo de evolução consciente, libertando assim o pensamento das influências sugestivas. Considera que os pensamentos são autônomos e independentes da vontade individual e que nascem e cumprem suas funções sob influência de estados psíquicos e morais.

O primeiro Congresso Internacional de Logosofia foi realizado em Montevideu, em 1960. No Brasil, o primeiro evento internacional efetivou-se em 1965 através da primeira Jornada Juvenil Logosófica Internacional.

Os logósofos, denominação atribuída a pessoas que se dedicam ao estudo da Logosofia, não se consideram religiosos. Apesar de não observarmos referências claras a reencarnação nesta doutrina, há nas obras de Pecotche, uma expressão que lembra o seu conteúdo filosófico. Em diversas obras logosóficas detectamos ensinamentos sobre conhecimentos que o indivíduo já trás consigo ao nascer. “A herança de si mesmo”, terminologia utilizada pelos autores logosóficos, apresenta características diferentes dos conceitos reencarnacionistas clássicos, pois não relaciona esta “herança” com as vidas passadas; no entanto, as modernas filosofias espiritualistas, que contém a reencarnação como base de seus raciocínios, consideram que o indivíduo embora se apresente como uma nova “persona”, a cada nova encarnação, é, na essência, a mesma individualidade e herda de si mesmo o seu aprendizado do passado que ficou estratificado a nível inconsciente.

As principais obras de Pecotche foram:

-Axiomas y Principios de Logosofia, -Penas Bíblicas, -Nueva Concepción Política, -El Mecanismo de La Vida Consciente, e, -El Espiritu (Raumsol)

20. Cristianismo

A expressão maior do ensinamento de Jesus Cristo parece ter sido simbolizada pelas circunstâncias do seu nascimento, que, conforme diz a tradição, teria ocorrido em uma manjedoura. A essência da doutrina cristã, segundo a exemplificação do seu modelo, deveria se caracterizar pela simplicidade e humildade.

A mensagem do cristianismo, conforme a vivência de Jesus, foi um código de fraternidade e de amor a todos os corações. Segundo diziam os profetas do Velho Testamento, Jesus revelaria a humanidade a mensagem de Deus. Assim, aos homens de boa vontade de todo o planeta trouxe a “Boa Nova”, que é o que significa, o Evangelho.

A palavra do mestre Jesus, mansa e generosa, reunia todos os sofredores e pecadores indistintamente. Sempre escolheu os ambientes mais pobres para demonstrar e viver suas lições sublimes, mostrando aos homens que a verdade dispensava o cenário suntuoso dos templos, para fazer-se ouvir em sua misteriosa beleza.

Suas pregações, nas praças públicas, visavam atingir a todos, mas, em especial, aos mais desprotegidos.

Combateu pacificamente todas as violências oficiais do judaísmo, renovando a lei antiga do “olho por olho, dente por dente” com a lição de “perdoar os inimigos”.

Espalhou o conceito da vida imortal, demonstrando existir algo além das pátrias, bandeiras e leis humanas.

Disse Jesus sobre a vida após a morte física: “Há muitas moradas na casa de meu pai”.

Falou de tudo, mas usava de parábolas que continham ou encobriam um sentido mais profundo nos seus ensinamentos.

Com referência a Reencarnação, encontramos nos evangelhos diversas alusões das quais destacamos as seguintes:

João, capítulo I versículos de 1 a 20, Mateus, capítulo XVI, versículos 13 a 27, Mateus, capítulo XVII, versículos 10 a 13, Marcos, capítulo VI, versículos 14 a 16, Marcos, capítulo IX, versículos 11 a 13, Lucas, capítulo IX, versículos 7 a 9.

Comentaremos alguns destes textos; antes, porém, observaremos uma curiosidade nos evangelhos de Marcos, capítulo VIII, versículos 27 e 28, e Mateus, capítulo XVI, versículos 13 e 14. “Saiu Jesus para as aldeias de Cesárea de Felipe e no caminho interrogou os discípulos dizendo: Quem diz os homens que eu sou? E eles responderam: João Batista, outros Elias, e outros Jeremias ou um dos profetas”.

Torna-se muito evidente neste trecho, repetido por dois evangelistas, como os judeus tinham clara a idéia do retorno pela Reencarnação, De maneira nenhuma poderiam estar confundindo a pessoa física de Jesus com Jeremias, Elias, ou qualquer dos profetas que ha viam vivido muitos séculos atrás. Os judeus estavam supondo que Jesus pudesse ser a reencarnação de algum dos profetas. E verdade que se torna claro nos versículos seguintes que o Mestre não era, de fato algum destes profetas renascidos, mas, também, é in contestável a idéia da Reencarnação presente na resposta dos apóstolos, como um conceito bastante conhecido dos mesmos.

No entanto, onde Cristo daria o seu aval a esta crença? Teria Ele igualmente se manifestado de forma favorável a idéia do renascimento? Nas passagens acima mencionadas apenas se pode concluir que o conceito palíngênésico foi citado de forma muito natural pelos judeus, pois inclusive eram diversas as versões de quem Cristo era a Reencarnação (Elias, Jeremias, etc...)

Apesar da suavidade dos ensinamentos evangélicos do cristianismo, o mesmo foi convertido em bandeira de separatividade e destruição. Com exceção dos cristãos primitivos que assimilaram corretamente sob o símbolo do peixe, toda a beleza e profundidade dos ensinamentos de Jesus, o inverso sucedeu com os continuadores humanos da doutrina cristã.

Em nome de Cristo incendiaram e trucidaram, massacrando esperanças em muitos corações. Os conceitos de humanidade e pobreza foram dando lugar, gradativamente, a uma luxuosa hierarquia cujo ápice era personificada pelo Papa, o chefe da Igreja.

Observemos, no cristianismo, as alterações tanto de forma como de conteúdo na seqüência cronológica abaixo.

Até o ano de 70 d.C., Jerusalém centralizava a liderança, passando posteriormente para Roma até o fim do século 1.

Do ano 270 até 370 d foram criados os altares nas igrejas, cada vez mais suntuosos e com recursos extraídos dos fiéis.

No ano de 400 d.C., foi instituído o sinal da cruz ao invés do peixe, alterando um símbolo por outro que expressava mais a morte física e o sofrimento material do que a essência dos seus ensinamentos.

Em 500 d.C., criou-se o purgatório.

Em 553 d.C., 02º Concílio de Constantinopla condenou as opiniões de Orígenes, reencarnacionista e grande teólogo cristão, e também dos gnósticos, trazendo, esta atitude da igreja, o descrédito ao princípio da reencarnação.

Apesar de algumas reações posteriores, como do Cardeal Nicolau de Cusa que sustentou, em pleno Vaticano, a pluralidade das vidas e dos mundos habitados, com a concordância do Papa Eugênio IV (1431-1447), havia o interesse em se sepultar esse conhecimento. Então, ao invés de uma concepção simples e clara do destino, compreensível para todos, conciliando a justiça divina com a desigualdade das condições e sofrimentos humanos, começou a se edificar todo um conjunto de dogmas que lançam a obscuridade sobre os problemas da vida, revoltam a razão e acabam afastando o homem de Deus.

Em função da necessidade do domínio e exercício da autoridade sobre os fiéis, houve uma crescente valorização do sofrimento físico do Cristo, na Cruz, em detrimento do estudo da filosofia cristã.

O 2º Concílio de Constantinopla condenou a doutrina da Reencarnação considerando-a como heresia; passou-se, então, a perseguir seus adeptos com uma ferocidade inigualável. Curiosamente não havia Papa presente a este Concílio. Aliás, aproveitamos a oportunidade para lembrar que sempre haverá a justificativa da ausência papal, se a Igreja quiser voltar atrás. Em 609, foi criado o culto à Virgem Maria e a invocação de santos.

Em 610, o papado foi oficialmente estabelecido pelo imperador Focas, que outorgou a Bonifácio o título de Bispo Universal.

Em 787, estabeleceu-se o culto ou devoção às imagens, à cruz e às relíquias.

Em 998, criou-se a festa de Todos os Santos e a comemoração de Finados.

Em 1054, os gregos, insatisfeitos com algumas posturas da Igreja, criam a Igreja Ortodoxa Grega.

Em 1074, estabelece-se o celibato clerical, um verdadeiro atentado contra a natureza humana que geraria inúmeros sofrimentos a religiosos sinceros e estimularia outros a desvios de conduta lamentáveis.

Em 1200, inventa-se o Rosário.

Em 1215, cria-se a confissão auricular. Ao contrário dos tempos apostólicos, quando a confissão dos próprios defeitos era pública, o que passava a constituir grande barreira para sua reincidência, o mesmo não ocorreria com a recém-criada confissão auricular. E, sem dúvida, a maior vítima do confessional seria a mulher. Esta, caracterizada por um espírito mais sensível à religiosidade, passa a ser vítima de longos e indiscretos interrogatórios. Submete-se, passivamente, diante de um homem solteiro, e, muitas vezes, traumatizado por um celibato mal absorvido pelo seu psiquismo, a questionamentos íntimos e delicados da vida conjugal. Lançam-se, de joelhos, as mulheres, aos pés de um homem cheio das mesmas fraquezas dos outros mortais, na enganosa suposição de que o sacerdote é a representação da divindade. Em 1264, instituiu-se a festa do Sagrado Coração de Jesus e, também a do Santíssimo Sacramento.

Em 1311, aparece a oração da Ave Maria.

Em 1414, inicia-se a institucionalização da chamada Hóstia ou Eucaristia. Sob as aparências de pão e vinho há o “milagre”, de estes ingredientes conterem o corpo, o sangue, a alma e a divindade de Jesus Cristo, fenômeno que se renova em todas as missas.

Em 1517, Lutero reage contra uma série de desvios do cristianismo original e cria o cisma protestante.

Em 1529, estabelece-se de forma organizada a Igreja Luterana como conseqüente resultado da insatisfação de importantes segmentos cristãos.

Em 1533, surge a Igreja Anglicana Episcopal.

Em 1536, com Calvino, inicia-se ordenadamente, a Igreja Presbiteriana da França.

Em 1560, surge a Igreja Presbiteriana Escocesa com as famosas pregações de John Knox.

Em 1606, na Holanda, aparece a Igreja Batista com John Smith.

Em 1612, na Inglaterra, surge, também, a Igreja Batista com Thomas Helwys.

Em 1739, através de John e Charles Wesley, cria-se a Igreja Metodista na Inglaterra.

Em 1830, instituiu-se o dogma da Imaculada Conceição.

Em 1870, já com a autoridade bastante em descrédito, e tendo sofrido inúmeros cismas, a Igreja, não mais chamada cristã, mas Católica Apostólica Romana, resolve decretar que o Papa era infalível, e, assim, num último esforço, deter o poder absoluto e inquestionável sobre as consciências de seus fiéis. Deste modo, o Papa Pio IX promulgou o decreto da infalibilidade papal. O referido decreto assinala a decadência e a ausência de autoridade do Vaticano, em face da evolução científica, filosófica e religiosa da humanidade.

Curiosamente a Igreja Católica que nunca se lembrara de atribuir um título real a figura do Cristo, assim que teve seu território geográfico reduzido ao Vaticano e viu desmoronar o trono do absolutismo com as vitórias da República e do Direito em todos os países, constituiu a imagem do Cristo-Rei para o ápice de seus altares.

No entanto, além das fronteiras sectárias das religiões, os conceitos eminentemente cristãos foram plantados e disseminados pelo planeta.

As fogueiras da inquisição, que imolaram inúmeros corpos, não conseguiram reduzir às cinzas as idéias.

O conceito cristão da Reencarnação, respaldado por Jesus, ressurgiu depois em diversos movimentos como, por exemplo, a doutrina espírita.

Estudemos algumas passagens dos evangelistas, de maneira desapassionada, sem uma posição preconcebida, e vejamos a extrema clareza com que a Reencarnação é referida pelo Mestre.

Lendo Mateus, capítulo XVII, versículos 10 a 14 e Marcos, capítulo IX, versículos 11 a 13, observamos o seguinte trecho:

Seus discípulos o interrogam desta forma:

- “Por que dizem os escribas ser preciso que volte antes o Elias?”

Jesus respondeu: “É verdade que Elias há de vir e restabelecer todas as coisas”

- Mas, eu vos declaro que Elias já veio e eles não o conheceram e o trataram como lhes aprouve. “E assim que farão com o filho do homem”

- Então entenderam os discípulos que fora de João Batista que ele falara.

A concepção de que João Batista era o Elias reencarnado e de que os profetas podiam renascer na Terra, encontramos em várias passagens bíblicas além das acima referidas.

Se esta concepção fosse equivocada e não concordasse com os ensinamentos cristãos, o Mestre não teria deixado de a combater como procedeu em relação a inúmeros outros conceitos e tradições equivocadas dos judeus. Mas o que ocorreu não foi isto; Jesus se posicionou muito claramente a este respeito quando se referiu a Elias, dizendo que já veio e eles não o conheceram, O versículo 13, completa: “Os discípulos entenderam que fora de João Batista que ele falara”, reforçando esta afirmativa.

Para quem é mais exigente, sugerimos a leitura atenta de Mateus no capítulo XI, versículos 14 e 15, que não deixa qualquer dúvida a respeito. Vejamos: “E se quereis bem compreender ele mesmo é o Elias que havia de vir”. (conforme a tradução, o Elias que estava por vir) “Quem tem ouvidos de ouvir, ouça!” Evidentemente, que os versículos anteriores se referem a João Batista, facilmente constatado pela leitura. Se alguns outros textos podem ser interpretados no sentido místico, nesta passagem de Mateus não há equívoco possível: “E ELE MESMO O ELIAS, QUE HA DE VIR”. Colo cação, tão positiva como esta, não permite conceber alegoria ou figuração. No que tange ao complemento:

“aquele que tem ouvido de ouvir, ouça”, consideramos como uma alusão a que nem todos estavam em condições de ouvir ou entender certas verdades. O versículo anterior (13) dizia: “Porque todos os profetas e a lei até João profetizaram”. Seguindo-se então: “E se quereis bem compreender, ele mesmo é o Elias que há de vir”. Desnecessários maiores comentários.

Mudemos agora de trecho e de evangelista, e estudemos em João capítulo III, versículos de 1 a 12. Eis a passagem:

“E havia um homem dentre os fariseus, por nome Nicodemos, senhor entre os judeus”.

Este, uma noite, veio buscar Jesus e disse-lhe:

- Rabi, sabemos és mestre, vindo da parte de Deus, porque ninguém pode fazer estes milagres que fazes se Deus não estiver com ele.

Jesus respondeu: Na verdade te digo que não pode ver o reino de Deus senão aquele que renascer de novo.

Nicodemos lhe disse: Como pode um homem nascer sendo já velho, porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer outra vez?

Respondeu-lhe Jesus: Em verdade, em verdade te digo que quem não renascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus.

O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é espírito.

Não te maravilhes de eu te dizer: IMPORTA-VOS NASCER OUTRA VEZ.

O espírito assopra onde quer, e tu ouves a sua voz, mas não sabes donde ele veio, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito.

Perguntou Nicodemos: Como se pode fazer isto?

Respondeu-lhe Jesus: Tu és mestre em Israel e não sabes estas coisas?

Em verdade, em verdade te digo que nós dizemos o que sabemos, que damos testemunho do que vimos, e vós com tudo isso não recebeis o nosso testemunho.

Se quando eu vos tenho falado nas coisas terrenas, ainda assim não me credes, como me creereis, se eu falar nas celestiais?”

Observemos a frase: “Ninguém pode ver o reino de Deus, sem renascer de novo”, e mais adiante, a insistência, acrescentando: “Não vos admireis de que vos diga que é preciso nascer de novo”. Referência mais evidente, é impossível! As citações são tão contundentes e incômodas, aos que se recusam a admitir a hipótese da Reencarnação, que geraram “enganos” em certas traduções. Na tradução, de Osterwald está conforme o trecho primitivo. Diz ele “não renasce da água e do Espírito”. Na de Sacy (Le Maître de Sacy), encontramos a tradução “não renasce da água e do Santo Espírito”, e na de Lamennais trocaram o Santo Espírito por “não renasce da água e do Espírito Santo”. Seriam alterações inadvertidas?

Estas palavras “não renasce da água e do Espírito”, foram entendidas por alguns no sentido da regeneração pela água do batismo, embora no texto original não houvesse a expressão Santo Espírito ou Espírito Santo. No livro, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, há um minucioso comentário a respeito, e se chama a atenção para o significado do vocábulo água, que não era utilizado na acepção comum. A Água era o símbolo da natureza material, como o Espírito era o da natureza inteligente. As palavras: “Se o homem não renasce da água e do Espírito”, ou, “em água e em Espírito”, significam, portanto: “Se o homem não renascer com seu corpo e sua alma”.

Neste sentido é que se aceitava no princípio, mas com o passar dos séculos houve uma mudança na interpretação. Nas frases seguintes há uma continuidade que endossa esta afirmação: "O que é nascido da carne é carne", exprime claramente que é só o corpo que procede do corpo, e que o Espírito não depende daquele. No momento onde Jesus coloca: "não sabes donde ele veio nem para onde vai", significa que não se sabe o que foi, nem o que será o Espírito. Se não houvesse a encarnação, e o Espírito fosse criado ao mesmo tempo em que o corpo, saber-se-ia donde veio, já que sua origem seria conhecida coincidindo com o nascimento. Se a alma pré-existe, há, então, vi das sucessivas.

21 Física

Conceito de Física Denomina-se física a ciência que tem por objetivo o estudo das propriedades da matéria, bem como, as leis que tendem a modificar seus estados ou seus movimentos sem modificar sua natureza.

Divisão da Física Com o progresso da ciência o termo física já não consegue definir, nem mesmo abranger, todas as propriedades gerais da matéria. Em função disto, utiliza-se a de denominação ciências físicas compreendendo diversos e importantes ramos entre os quais, a física quântica.

De acordo com a conceituação tradicional, as propriedades gerais da matéria, portanto os objetos de estudo das ciências físicas, são revelados por intermédio dos órgãos dos sentidos. Assim, a visão nos permite avaliar a forma e a coloração dos corpos, bem como seu deslocamento: a audição nos fornece as sensações motoras; o tato permite a determinação da pressão e da temperatura e assim por diante.

Todas as propriedades da matéria podem sofrer modificações que são denominadas fenômenos físicos. Desta maneira, a queda de um objeto, a movimentação da água ou a trajetória de um raio luminoso, independentemente da natureza da luz, são exemplos de fenômenos que modificam apenas o aspecto exterior dos corpos sem alterar sua essência química. Os exemplos citados são, portanto, de fenômenos físicos e seu estudo pertence às ciências físicas.

Diferentemente dos fenômenos mencionados, quando a essência da matéria, ou a substância que a compõe, transforma-se em outra, temos um fenômeno químico, por exemplo, a combustão do fósforo transformando-o em carvão.

Ramos da Física As ciências físicas podem, de forma simplificada, serem subdivididas em sete disciplinas:

1. Mecânica (Estática, Cinemática e Dinâmica)

2. Acústica 3. Ótica 4. Eletricidade 5. Termologia 6. Geofísica 7. Física Atômica e Nuclear

Física Atômica e Nuclear Este ramo da física foi o precursor da Física Quântica. A física atômica estuda os fenômenos associados ao átomo enquanto a física nuclear se detém especificamente nos fenômenos ligados ao núcleo do átomo. Utiliza-se, também, a denominação microfísica para designar este importante ramo das ciências físicas que vem revolucionando os conceitos clássicos do conhecimento científico. As descobertas de Einstein, com a conseqüente Teoria da Relatividade passaram a demonstrar não mais um universo físico, mas um universo energético.

Os fenômenos da física nuclear, desde a transformação da matéria em energia aos demais fenômenos decorrentes, exigiram o aparecimento de novas concepções físicas. Surgiu, então, a mecânica quântica, que tem por finalidade investigar a dualidade onda-corpúsculo ou matéria e energia.

Tornou-se evidente, para as ciências físicas, que determinados fenômenos ocorrem pelo fato da matéria em determinados momentos se expressar como onda e em outros como corpúsculo; ora é energia ora é matéria densa. Assim a natureza ondulatória da luz explica a propagação das ondas de Raio X enquanto que a natureza corpuscular desta mesma luz explicaria os fenômenos do efeito fotoelétrico.

Física Quântica A física tradicional teve em Isaac Newton sua base fundamental. O paradigma mecanicista, que de forma popular foi representado pela queda da maçã da árvore, observada e estudada por Newton levando-o a enunciar a Lei da Gravitação Universal (Lei da Gravidade), abriu as portas para o desenvolvimento das ciências físicas.

No crepúsculo do segundo milênio, em 1900, Max Planck promoveu o início da revolução na física enunciando a Teoria dos Quanta.

Quanta é uma palavra latina, plural de “quantum”. As “quantas” são pacotes de energia associados a radiações eletromagnéticas. Max Planck, prêmio Nobel de física em 1918, descobriu que a emissão da radiação é feita por pequenos blocos ou “pacotes” de energia descontínuos.

A descontinuidade da emissão das radiações rompeu com o determinismo matemático e absoluto da física clássica. Surgiu, então, o determinismo das probabilidades e estatístico.

Cinco anos depois, em 1905, Albert Einstein enuncia a Teoria da Relatividade cujo resultado foi a destronização do pensamento mecanicista positivista (materialista) e a introdução de novas concepções que, em muitos aspectos, aproximam-se da Metafísica e da visão espiritualista.

Em função das descobertas de Max Planck e, sobretudo, a partir da Teoria da Relatividade, o universo que vivemos deixa de ser tridimensional (comprimento, largura e altura), passando a apresentar outras possibilidades de dimensões, não detectadas pelos sentidos físicos, bem como outras possibilidades de concepção de tempo.

Johann Carl Friedrich Zollner, na obra Física Transcendental, aborda com muita propriedade os temas quarta dimensão e hiperespaço, referindo-se a experiências realizadas em Leipzig, Alemanha. No mencionado livro, Zollner comenta a possibilidade de um objeto efetuar a passagem para outra dimensão, desaparecendo dos olhos do observador e retornar as dimensões convencionais voltando a ser percebido pelos nossos órgãos visuais.

Vejamos algumas noções sobre espaço e dimensões:

Ao avaliarmos a extensão de um determinado espaço, por exemplo, de uma reta, utilizamos uma escala rígida como uma régua. Se a reta for maior que a régua, procuraremos verificar quantas vezes a régua cabe na extensão da reta. Estamos assim avaliando um elemento de apenas uma dimensão. A reta possui somente comprimento; não possui as outras dimensões, largura e altura.

Quando falamos em uma linha reta, podemos representá-la por um traço, ou seja, uma sucessão de pontos, sobre uma superfície plana. Mas na realidade, o traço, por mais fino que seja, nunca será apenas uma linha, pois terá mais de uma dimensão a largura do traço, por exemplo. Entretanto, nós não lembramos desta realidade, representamos a reta como uma linha ignorando a outra dimensão que é sua largura.

O fato de ignorarmos a largura de uma reta não torna menos real a sua existência. Assim, também, representamos uma linha reta como uma sucessão de pontos que compõem a mesma. Os pontos estariam situados rigorosamente em uma única direção. Podemos conceber, contudo, que a linha não goze desta propriedade. É possível imaginar uma linha onde seus pontos mudem de direção imperceptivelmente. O espaço linear seria então encurvado e do encurvamento da linha unidimensional (comprimento) surge o plano bidimensional (comprimento e largura). A idéia de um arame fino retorcido dá-nos a imagem de como se obtém a segunda dimensão a partir do encurvamento da primeira.

Da mesma forma, um plano bidimensional constituído de comprimento e largura, que representaríamos por uma face polida de uma lâmina de metal, igualmente pode ser encurvado. Ao efetuarmos o encurvamento, obrigaremos a superfície a ocupar um espaço de três dimensões. Surge assim o espaço tridimensional físico em que vivemos: comprimento, largura e altura.

Da mesma forma como é possível encurvar a linha e o plano, os físicos admitem ser viável, outrossim, encurvar o nosso espaço tridimensional onde vivemos. Afinal, seria nosso espaço físico uma exceção? Ou, o limite do universo? Por que estaria isento de curvatura? Em outras palavras, estaríamos no limite dimensional da série de espaços reais possíveis? Em função disto, pesquisadores admitem não só existir a quarta dimensão, mas “n” dimensões, ou infinitas dimensões no uni verso.

A compreensão de seres quadridimensionais só poderá estabelecer-se através de uma analogia. Podemos ter uma idéia aproximada de como seriam os objetos ou seres de um mundo imaginário de quatro dimensões, comparando as propriedades dos objetos de duas dimensões, com os de três dimensões.

Façamos um exercício:

Suponhamos a existência de seres pensantes, habitantes de um mundo plano (bidimensional); tanto os referidos “planianos” quanto o seu “mundo superficial” teriam duas dimensões, comprimento e largura, e vive riam como nossa sombra junto ao solo.

Um “planiano” jamais poderia suspeitar, à simples vista de seu contorno, que fosse possível a existência de seres reais, como nós, que possuem três dimensões.

Assim como já vivemos em época na qual se imaginava ser a terra um orbe plano e depois descobriu-se ser ela arredondada, analogamente, até o advento da Teoria da Relatividade, afirmava-se que o espaço físico era isento de curvaturas (euclidiano). Considera-se, atualmente, a possibilidade do espaço ser encurvado formando imensa figura cósmica tetradimensional. Admite-se, pois, de conformidade com a física moderna, a possibilidade de espaços paralelos e universos paralelos. Por que não, a existência de seres vivendo paralelamente ao nosso mundo?

Einstein admite o encurvamento do “continuum espaço-tempo”. Sua teoria vem sendo desenvolvida gradativamente pelos físicos da novíssima geração que consideram ser possível chegar aos componentes últimos da matéria através de micro-curvaturas do espaço-tempo, O conjunto de conhecimentos acerca da lei da gravidade desenvolvida nos moldes da Teoria de Einstein gerou a Geometrodinâmica Quântica. Através desta nova disciplina científica, a física quântica se re fere aos “miniblackholes” (mini-buracos negros) e “miniwhiteholes” (mini-buracos brancos) onde um objeto ou ser pode surgir ou desaparecer do “continuum espaço-tempo”

A realidade fundamental das nossas dimensões, conforme este modelo, é figurada como “um tapete de espuma espalhada sobre uma superfície ligeiramente ondulada” onde as constantes mudanças microscópicas na espuma equivalem as flutuações quânticas. As bolhas de espuma, conforme se refere John Wheeler, na obra “Superspace and Quantum Geometrodynamics”, pág. 264, são formadas pelos mini-buracos negros e mini-buracos brancos os quais surgem e desaparecem (como bolhas de espuma de sabão) na geometria do “continuum espaço-tempo”. Os mencionados mini-buracos negros e brancos seriam, portanto, portas para outras dimensões do universo. Através dos mesmos, seres aparecem ou desaparecem passando a não mais existir em uma dimensão e existindo em outra dimensão do universo. Os mini-buracos brancos e negros são, para os físicos, formados por luz autocapturada gravitacionalmente. Embora nos pareça difícil compreender estas elucubrações da física quântica, a partir delas os cientistas estão começando a introduzir um novo conceito, o da consciência pura; não como uma entidade psicológica - adverte-nos Hernani Guimarães Andrade - mas sim como uma realidade física.

Ao considerar a existência de uma consciência, na visão do universo segundo o modelo que criaram, aproximam-se das questões espirituais.

Diversos físicos modernos passaram, no momento atual, a se interessar por conhecimentos esotéricos e filosofias orientais. Consideram eles, ser surpreendente a semelhança dos conceitos filosóficos da sabedoria milenar do oriente com as conclusões da física quântica.

A nova física está chegando a conclusão de que existem outras vias de acesso ao conhecimento, além dos métodos da atual Ciência. Há evidências de que nossa mente, em certas circunstâncias, consegue desprender-se das amarras do corpo biológico e sair por aí em um corpo não desta dimensão, mas tão real quanto o nosso, o corpo astral.

Nesse novo estado, há possibilidade da consciência individual integrar-se com a consciência cósmica e aprender diretamente certas verdades, certos conhecimentos que podem também serem adquiridos normalmente, mas somente após exaustivos processos experimentais e racionais usados pela ciência.

Dr. Fritjof Capra pesquisador em física teórica das altas-energias, no Laboratório de Berkeley, e conferencista da Universidade da Califórnia em Berkeley, U.S.A., escreveu os livros “O Tao da Física”, “O Ponto de Mutação” e “Sabedoria Incomum”. Nestas obras, o eminente físico traça um paralelo importante entre a sabedoria oriental e a moderna física. Ele admite que a exploração do mundo subatômico revelou uma limitação das idéias clássicas da ciência. Considera, aprofundando suas reflexões a este respeito, ser o momento da revisão de seus conceitos básicos. A antiga visão mecanicista já cumpriu sua função e deve ceder lugar a novos conceitos de matéria, espaço, tempo e causalidade.

Fritjof Capra indica como um dos melhores modelos da realidade, aquele que é chamado de “bootstrap” pelos físicos. Traduzindo em termos compreensíveis para nós, equivale dizer que a existência de cada objeto, seja um átomo ou uma partícula, está na rigorosa dependência da existência de todos os demais objetos do Universo. Qualquer um deles jamais poderia ter realidade própria se todos os objetos não existissem. Há uma identificação com os princípios holísticos nesta assertiva.

O modelo proposto pelos físicos resulta do fato dos mesmos, assim como os meditadores do oriente, terem chegado a mesma conclusão:

A matéria em sua constituição básica é simples mente uma ilusão, ou Maya, como dizem os budistas. A aparente substancialidade da matéria decorre do movimento relativo criador de formas.

Se a matéria é uma ilusão, certamente (dizemos nós), há de existir algo que seja transcendente a esta matéria e seja mais real que a ilusão...

22. Física Quântica e Reencarnação Introdução

Desde o advento da Filosofia até a física Moderna que se busca reduzir a aparente complexidade dos fenômenos naturais em algumas idéias fundamentais simples. Francisco Fialho, autor de “A Eterna Busca de Deus”, Editora Edicel, considera ser a Física Teórica a mais impressionante e maravilhosa demonstração da capacidade de colaboração dos homens da ciência resultando na obtenção de saborosos frutos com se mentes de espiritualidade.

Os sábios da Escola de Mileto já admitiam a existência de uma natureza essencial ou constituição real das coisas; chamavam-na de Physis.

Tales declarava que todas as coisas estavam cheias de deuses; Anaximandro via o universo como um ser vivo, mantido pela pneuma, a respiração cósmica.

“Segundo Descartes ‘Toda a filosofia é uma árvore, as raízes são a Metafísica, o tronco é a Física e os ramos são todas as outras ciências’.

Na história da filosofia há uma seqüência, uma conquista gradual, dos espaços etéricos e incertos do conhecimento. De um lado o mundo das idéias, onde brilha o sol e o vôo é livre e, do outro, o mundo dos fenômenos, a úmida e enevoadada caverna a ser desbravada.

Desenvolvimento À medida que as teorias evolucionistas em biologia se firmaram, a visão do universo, como uma máquina, foi substituída pela de um sistema em permanente mudança no qual estruturas complexas se desenvolviam a partir de formas mais simples. Da mesma forma, a Física Moderna revela a unidade básica do universo. Mostra-nos que não podemos decompor o mundo em unidades infinitamente pequenas com existências independentes. Ao contrário, ao penetrarmos nas menores partículas conhecidas evidencia-se uma teia complexa de relações entre as várias partes com o todo unificado.

A Física Quântica passou a exigir uma revisão radical do que se entendia, por senso comum, como estrutura da matéria. Niels Bohr expressou-se desta forma: onda e partícula material são formas complementares de uma mesma realidade, uma realidade que está além da nossa capacidade. Denomina-se, dentro da Mecânica Quântica, Lei da Complementaridade esta possibilidade de uma partícula se manifestar em determinadas circunstâncias como onda. De certa forma, é uma admissão da passagem de um mundo de uma dimensão para OUTRO DE DIMENSÃO MAIS SUTIL.

Outra surpreendente conclusão foi o chamado Princípio da Inseparatividade. Embora para nós, leigos em Física Quântica, todos estes conceitos nos pareçam difíceis, conseguimos perceber o aroma do extrafísico nas entrelinhas; vejamos: uma partícula ao interagir com outra, mantém um vínculo que independe do espaço e do tempo. É como se comunicassem telepaticamente, uma sempre registrando o que ocorre com a outra. Esta concepção, atribuindo onisciência e onipresença a estruturas materiais nos faz lembrar Ernesto Bozzano que, no início do século XX, propunha a Teoria do Éter Deus.

Consideram, alguns físicos, que quando ocorreu no início do universo o Big Bang, a explosão que teria dado origem a todas as partículas, todos os elementos estavam interconectados e o que acontece em qualquer ponto, atualmente, é sentido por todos os demais participantes da dança cósmica. Este é o Princípio da Inseparabilidade, que contribuiu para a origem das modernas propostas holísticas, estabelecendo a importância das conexões a distância.

Ordem Super Implícita e Reencarnação:

Além do espaço-tempo em que vivemos, David Bohm considera a existência de um oceano de energia de outra dimensão, denominando-o de ordem implícita não manifesta. A Teoria Moderna sustenta, portanto, que o vácuo contém uma energia, até agora desconhecida dos físicos, por não ser captada pelos instrumentos da ciência.

A matéria, segundo esta visão, não passaria de uma pequena onda nesse mar de energia. A ordem implícita ultrapassa aquilo que denominamos matéria.

David Bohm denomina ordem explícita o espaço-tempo tridimensional onde vivemos, ou seja, o mundo material, o qual, na realidade, estaria separado por uma ilusão, da ordem implícita que seria um nível mais profundo não manifesto e multidimensional.

Para David Bohm, além das ordens explícita e implícita, existiria no universo a denominada ordem superimplícita ou princípio ordenador que atuaria na ordem implícita a qual, por sua vez, agiria na ordem explícita.

Expressaríamos, de forma mais simples, que a ordem explícita nada mais é que a matéria, a ordem implícita o mundo energético (fluídico) e a ordem super implícita equivale ao espírito. Pedindo escusas aos físicos pela adaptação..

A totalidade ininterrupta é uma noção básica do pensamento de Bohm. Considera o eminente físico que além da existência em nosso mundo há uma projeção em um oceano energético.

Conforme postula David Bohm, as formas dos organismos se originam na ordem implícita. Uma forma se desenvolve mediante o processo de projeção, a onda, que se projeta da totalidade do oceano energético, mergulha e desaparece no oceano, reprojetando-se inúmeras vezes...

Assim, o conceito de reencarnação, Incinerado pela “Santa Inquisição”, Ressurge das Cinzas da Religião, Trazido, agora, pela luz da razão.

23. Conclusão

O homem primitivo, intimamente ligado a natureza que o rodeava, expressava de forma espontânea e verdadeira a sua espiritualidade.

Através do seu instinto sentia a existência do transcendental, sentimento este que pulsava, de forma nítida, na essência energética daqueles seres simples e ignorantes, vazios de conhecimentos, porém plenos de autenticidade.

À medida que a civilização humana começou a galgar novos degraus da escala do progresso, deixando cada vez mais de ser instintiva, passou a reprimir para os porões do inconsciente as percepções inatas e verdadeiras.

Deixando para trás a infância histórica, passou a pela física moderna, abre as portas para a percepção da existência do mundo espiritual.

A humanidade já não se satisfaz com os preceitos rígidos das religiões dominantes. O homem é um ser que indaga e quer saber, afinal, quem é, de onde vem e para onde vai.

A dissociação existente entre ciência e religião, verdadeiro abismo criado pelos homens, levou os indivíduos a terem uma visão fragmentária da vida.

Os conselhos religiosos, tão úteis em épocas remotas, hoje se tornaram defasados em relação a evolução contemporânea. As orientações dos ministros religiosos foram sendo substituídas pelos médicos, psicólogos, pedagogos etc. O que freqüentemente observamos é a influência de respostas às ansiedades íntimas do indivíduo ou da própria sociedade. O que lhes falta? Por que profissionais extremamente capacitados, sérios e estudiosos se sentem limitados para compreender o sofrimento humano?

Por que pessoas justas às vezes sofrem tanto, e, concomitantemente, outros egoístas, que se comprazem no sofrimento do próximo, prosperam tanto?

Há quem viva semanas, meses ou poucos anos, enquanto outros vivem quase um século! Por quê?

Por que para uns a felicidade constante e para outros a miséria e o sofrimento inevitável?

Por que alguns seriam premiados pelo acaso com as mais terríveis malformações congênitas?

Por que certas tendências inatas são tão contrastantes com o meio onde surgem? De onde vêm?

Não há como responder a estas questões, conciliando com a crença em uma Lei Universal justa e sábia se considerarmos uma vida única para cada criatura.

O ateísmo e o materialismo são conseqüências inevitáveis da rejeição às crenças tradicionais, surgindo, naturalmente, pela recusa inteligente a uma fé cega em um ser que preside os fatos da vida sem qualquer critério de sabedoria, amor e justiça.

A cosmovisão espírita, alicerçada no conhecimento das vidas sucessivas, onde residem as causas mais profundas dos nossos problemas atuais nos traz respostas coerentes.

O conceito de Reencarnação propicia uma ampla lente através da qual poderemos enxergar a problemática da vida.

As aparentes desigualdades, vivenciadas momentaneamente pelas criaturas, têm justificativa nos graus diferentes de evolução em que se encontra no momento. Além disso, sabe-se, pelas leis da Reencarnação, que cabe a todas as criaturas um único destino: a felicidade. A evolução inexorável é feita pelas experiências constantes e o aprendizado decorrente. Os atos da criatura ocasionam uma seqüência de causas e efeitos que determinam as necessidades da reencarnação, a si própria, em tal meio ou situação; nunca existe p o; e sim, consequência lógica. Há colheita obrigatória, decorrente de livre sementeira, e sempre novas oportunidades de semear.

Cada ser leva para a vida espiritual a sementeira do passado, trazendo-a inconscientemente consigo ao renascer. Se uma existência não for suficiente para corrigir determinadas distorções, diversas serão necessárias para resolver uma determinada tendência, é a longa caminhada da vida.

Nossos atos do dia-a-dia, por sua vez, são também novos elementos que se juntam ao nosso patrimônio energético, pois os arquivos que criamos são sempre ao nível de campos de energia, influenciando intensamente, atenuando ou agravando as desarmonias energéticas estabelecidas pelas vivências anteriores.

A teia do nosso destino, portanto, não é exclusiva mente determinada pelo nosso passado. O livre arbítrio que possuímos tece também os finos fios desta teia a cada momento, num dinamismo sempre renovado.

A diversidade infinita das aptidões, ao nível das faculdades e dos caracteres, tem fácil compreensão. Nem todos os espíritos que reencarnam tem a mesma idade, milhares de anos ou séculos pode haver na diferença de idade entre dois homens. Além disto, alguns galgam velozmente os degraus da escada do progresso, enquanto outros sobem lenta e preguiçosamente.

A todos será dada a oportunidade do progresso pelos retornos sucessivos. Necessitamos passar pelas mais diversas experiências, aprendendo a obedecer para sabermos mandar; sentir as dificuldades da pobreza para sabermos usar a riqueza. Repetir muitas vezes para absorver novos valores e conhecimento.

Desenvolver a paciência, a disciplina e o desapego aos valores materiais.

São necessárias existências de estudo, de sacrifício, para crescermos em ética e conhecimento.

Voltamos ao mesmo meio, freqüentemente ao mesmo núcleo familiar, para reparar nossos erros com o exercício do amor.

Deus, portanto, não pune nem premia; é a própria lei da harmonia que preside a ordem das coisas.

Agirmos de acordo com a natureza, no sentido da harmonia, é prepararmos nossa elevação, nossa felicidade.

Não usamos o termo “salvação” pois historicamente está vinculado ao salvacionismo igrejista, uma solução que vem de fora. Na realidade aceitamos a evolução, a sabedoria e a felicidade para todas as criaturas. “Nenhuma das ovelhas se perderá”, disse Jesus.

Fazendo-nos conhecer os efeitos da lei da responsabilidade, demonstrando que nossos atos recaem sobre nós mesmos, estaremos permitindo o desenvolvimento da ordem, da justiça e da solidariedade social tão almejada por todos.

24. Posfácio

No início era o MAR.

E nesse MAR misturavam-se as águas da Ciência, da Religião, da Filosofia, da Arte e da Magia. O homem habitava o MAR e era feliz.

Mas tudo é ritmo no Universo. Respiram as estrelas ao som das reações nucleares. Passeiam os astros em órbitas estabelecidas.

Ao bater do gongo do tempo as águas se separam. O Holismo cede lugar ao Reducionismo, a Síntese se decompõe na Análise e, encetando viagens fantásticas, rios se formam.

Ao longo da viagem os rios se ramificam, semeiam a Terra, formam vales de paz ou se precipitam em cascatas. À medida que o tempo flui, rios formam novos rios, rios se reúnem e se separam. Tudo é movimento.

Mas o mundo é redondo, o Universo é redondo. Mais um dia, menos dia, os retornam ao Mar. Mas não são mais os mesmos rio nem o mesmo Mar. A espiral se abriu e se fechou. É a vez da Análise ceder à Síntese; do Reducionismo retornar ao Holismo, do Homem encontrar a Serenidade.

A. F. Fialho

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. ANDRADE, Hernani Guimarães, Reencarnação no Brasil ed. Matão, Casa Editora O Clarim, 1988. 408 p.
02. ANGELIS, Joanna de, Espírito. Estudos Espíritas. 1. ed. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1982. 190p.
03. BANERJEE. H. N. Vida Pretérita e Futura. s. ed. Rio de Janeiro, Nórdica, 1986. tradução Sylvio Monteiro.
04. BESANT, Annie Wood; LEADBEATER. O Homem: de Onde Vem e para Onde Vai.
05. CABALA, Livro Esotérico do Judaísmo.
06. CANON, Alexander. Reencarnação e Psiquiatria. s. ed. London, U.K.
07. CAPRA, Fritjof. O Ponto de Mutação. 6. ed. São Paulo, Editora Cultrix, 1988. 452 p.
08. CAPRA, Fritjof. O Tao da Física. 1. ed. São Paulo, Editora Cultrix, 1985. 262 p.
09. CARINGTON, Whately. La Télépathie. s. ed. Paris, Payot, 1948. tradução de Maurice Plassiol.
10. CONAN DOYLE, Arthur. História do Espiritismo, s. ed. São Paulo. Pensamento, 1960. 50 p.
11. CROOKES, William. Fatos Espíritas. 7. ed. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1983. 160p.
12. DARWIN, Charles. A Origem das Espécies. s. ed. São Paulo, Hemus, 1981. tradução Eduardo Fonseca.
13. DENIS, Léon. O Problema do Ser do Destino e da Dor.

10. ed. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1919. 423p.

14. DI BERNARDI, Ricardo. *Gestação, Sublime Intercâmbio*. 1. ed. Londrina, Livraria Ed. Universalista, 1993, 209p.

15. DI BERNARDI, Ricardo. *Reencarnação e Evolução das Espécies*. 1. ed. Londrina, Livraria Editora Universalista, 1995. 175p.

16. FIALHO, Francisco. *A Busca Eterna de Deus*. 1 ed. Sobradinho - DE EDICEL, 1993. 375 p.

17. FREUD, Sigmund. *Pensamentos para Tempos de Guerra e Morte*.

18. GÊNESIS, 1 e 2. Bíblia.

19. HEINDEL, MAX, *O Conceito Rosa Cruz do Cosmos*.

20. HERSON, *Miscelânea Talmúdica*.

21. HOLANDA, Aurélio B. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Ed. Nova Fronteira 2. ed. 1986. Rio de Janeiro.

22. ISAÍAS, Velho Testamento, Capítulo XVI, Versículo 10.

23. JOÃO, capítulo III, versículos de 1 à 20. Bíblia.

24. JOCHAI, Simeão ben. Zohar.

25. JUNG, Carl Gustav. *Memórias Sonhos e Reflexões*.

26. KARDEC, Allan. *A Gênese*, 31. ed. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1944. 423 p.

27. KARDEC, Allan. *Evangelho Segundo o Espiritismo*, 72. ed. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1944. 456p.

28. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 72. ed. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1992. 494 p.

29. KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns. 27. ed. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1960. 413 p.
30. LACERDA, Nair. A Reencarnação Através dos Séculos. 1. ed. São Paulo, Editora Pensamento. 191 p.
31. LEON, Moisés de. Zohar. 1280. (Recompilação).
32. LUCAS. Novo Testamento. Capítulo IX, Versículos 7 a 9.
33. MAOMÉ. Alcorão. Sura 2:28, Sura 25:5-10-6.
34. MARCOS. Novo Testamento. Capítulo VIII, Versículos 27 e 28.
35. MATEUS. capítulo XVII, versículos 10 à 13, Bíblia.
36. MEHTA, Moham Lai. Filosofia Jainista.
37. MIRANDA, Hermínio. Reencarnação e Imortalidade. 1. ed. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1976. 321 p.
38. NETHERTON, Morris. SHIFFRIN, Nancy. Vidas Passadas, em Terapia. 1. ed. Itapetininga, SP. trad. Agenor Mello Pegado e Thereza Reis, ARAI - JU, 1984. 203 p.
39. NÚCLEO DOS MÁGICOS PROFISSIONAIS DE NITERÓI, Miríade Mágica. Abril e Maio 1965.
40. OPARIN, A. 1. A Origem da Vida. tradução Ed. Vitória, Rio de Janeiro, 1956.
41. PAPUS (Dr. G. Encausse). A Reencarnação. 1. ed. São Paulo, Pensamento, s ed. 127 p.
42. PECOTCHE, Carlos Bernardo. Axiomas y Principios de Logosofia.
43. PECOTCHE, Carlos Bernardo. El Mecanismo de La Vida Consciente.

44. PECOTCHE, Carlos Bernardo. Nueva Concepcion Política. PEDRO, apóstolo. 1. Epístola cap. IV, versículo 8, Bíblia.

45. PLANETA, Revista. Reencarnação. Planeta Especial número 151 C. Grupo de Comunicação Três.

46. PIRES, J. Herculano. Parapsicologia Hoje e Amanhã. 3. ed. São Paulo. Edicel, 1969. 224 p.

47. RAIKOW, Vladimir. Aspectos Médicos da Pesquisa Experimental sobre Terapia e Hipnose. Trabalho apresentado no Seminário da seção de Bio-Informação do Instituto de Radiotecnologia. A. S. Popov, Moscou, em 25 de fevereiro de 1966.

48. RAIKOW, Vladimir. Reencarnação por Hipnose. Ciência e Religião. n 9, 1966.

49. RAUNSOL (C. B. Pecotche) El Espíritu.

50. RHINE, Joseph. Banks. The Reach of the Mi. s. ed.

51. New York, William Slone, 1947 RHINE, Louise. ESP in Life and Lab. s. ed. New York, Macmillan, 1967.

52. RICHET, Charles. Traité de Metapsychique. s. ed. Paris. Felix Alcan, 1922. 84, 99 p.

53. RIGVEDA. O Mais Antigo Livro Veda.

54. ROCHAS, Albert de. Les Vies Successives. s. ed. Paris. Charconae, 1908.

55. ROSENKREUZ, Christian. Fama Fraternitatis.

56. RUMI, Jalalu - Din. Mathnavi. 1207 a 1273 d.C. Sabedoria Sufi.

57. SEIMEI NO JISSO. Livro Sagrado da Seichô-No-Iê.

58. STEINER, Rudolf. Reencarnação e Carma.

59. STEVENSON, Ian. Twenty Cases Suggestive of Reincarnation.

60. Proceedings of the American Society for Psychical Research vol. XXVI, September 1966. 362p.

61. STEVENSON, Ian. Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação. s. ed. São Paulo, Editora Difusora Cultural, 1970.

62. TALMUD, Código Civil e Religioso dos Judeus.

63. TANIGUSHI, Massaharu. Sutra Sagrada.

64. TRIMEGISTO, Hermes. Fragmentos Herméticos.

65. TRIMEGISTO, Hermes. O Livro dos Mortos.

66. TRIPITAKA, Escrituras Sagradas do Budismo.

67. UPANICHADES Literatura Complementar dos Livros Vedas, 10.000a.C.

68. VEDAS. Escrituras Sagradas dos Hindus.

69. VIEIRA, Waldo. Projeciologia. 1. ed. Rio de Janeiro. Editora Brasil-América S.A. 1986. 900p.

70. WAMBACH, Helen. Recordando Vidas Passadas. Tradução Octávio Mendes Cajado. s. ed. São Paulo, Pensamento, 1981.

71. WOOD. F. H. This Egyptian Miracle.

72. WHEELER, John. Superspace and Quantum Geometric dynamics.

73. ZEND-AVESTA. Livros Sagrados do Zoroastrismo.



http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>